



mensal | janeiro de 2021 | n° 7 | ano 27 |    /sescrevistae | sescsp.org.br/revistae | revistae@sescsp.org.br | Distribuição gratuita | Venda proibida

BEM ME QUERO | NOVOS TEMPOS | BORDAR ALÉM | PAISAGEM VIVA | CHICO BUARQUE |
JOÃO JOSÉ REIS | TRABALHO E PANDEmia | NATÁLIA AGRA | FERNANDO SAMPAIO | TERÊ GOUVÊA

ISSN 2179907-5 00310

9 772179 907008

sesc Verão

2
0
2
1

CUIDAR FAZ BEM

Cuidar de si. Cuidar do outro.
Cuidar das relações. Cuidar
do ambiente em que se vive.

Ter um cotidiano de hábitos
saudáveis, equilibrando corpo
e mente, evitando o sedentarismo
e mantendo boa alimentação.

Atitudes assim melhoram o seu
bem-estar e o bem-estar coletivo.

O cuidado com o outro começa
pelo cuidado com você!

Sesc Verão 2021
Cuidar faz bem!

16/JAN
- 14/FEV



 [instagram.com/esportesescsp](https://www.instagram.com/esportesescsp)
 [youtube.com/sescsp](https://www.youtube.com/sescsp)
+ perfis e canais de todas as unidades

Confira a programação:
sescsp.org.br/sescverao



Detalhe da obra: Bar, Moza do Mestre Molina. Foto: Julia Panulov

IMAGEM DA CAPA

A capa desta edição homenageia o encontro de dois artistas emblemáticos da história da arte brasileira: Mestre Molina e Abraham Palatnik. Um nascido em São Paulo e conhecido por suas “geringonças artesanais”, como ele mesmo apelidou, e o outro no Rio Grande do Norte, desenvolvendo técnicas focadas no movimento e na luz, compartilham da mesma proposta de arte. Ambos considerados artistas inventores, conectam seus trabalhos pela atração ao lúdico, o prazer da invenção, o assombro pela automação e a entrega a um paciente trabalho investigativo. A Mostra Oficina Molina – Palatnik, em cartaz no Sesc Avenida Paulista, traz um diálogo poético entre as suas produções artísticas e apresenta ao público a mescla entre a arte popular e a erudita. Para saber mais e agendar a sua visita, clique [aqui](#).

Novo ano, novas oportunidades

A chegada de um novo ano é sempre uma oportunidade de renovação de esperanças para que este recomeço seja de mudanças positivas nos mais diversos aspectos da vida cotidiana. Após um ano particularmente desafiador como foi 2020, esta virada nos convida a buscar soluções, com criatividade, responsabilidade e senso de solidariedade, proporcionando aprendizados e gerando crescimento. Desde 1946, ano de sua criação, o Sesc – Serviço Social do Comércio testemunhou outros momentos complexos da nossa história, atuando sempre na promoção do bem-estar dos trabalhadores do comércio, serviços e turismo, de seus familiares e da comunidade em geral.

Assim, por meio de programações nos campos da cultura, esporte, lazer, turismo, saúde e alimentação, realiza uma ação educativa permanente, possibilitando aproximações com diferentes linguagens e saberes, ampliando repertórios, promovendo encontros. No contexto da pandemia, vivido a partir de março, intensificou suas ações sociais, com programas como o Mesa Brasil Sesc, e ampliou suas atividades nos meios digitais, mantendo o vínculo com seu público e até mesmo expandindo seu território de atuação. Ações como essas fortalecem a sociedade como um todo e contribuem para o desenvolvimento da nação.

ABRAM SZAJMAN

Presidente do Conselho Regional do Sesc no Estado de São Paulo

Você também pode ler a Revista E em tablets e smartphones

Baixe o aplicativo do Sesc São Paulo e confira as reportagens e entrevistas, além de vídeos, áudios e imagens.

Download gratuito para Android e iOS

App Store Google Play

SUMÁRIO

Cuidar faz bem

A pandemia do coronavírus intensificou a necessidade do cuidado. Autocuidado, no sentido mais primordial de não me contaminar. Mas também de cuidado com o outro, com aqueles que são próximos e com os que estão distantes. Ocupamo-nos de nos compreender em nossa essência da condição humana e, paradoxalmente, à medida que cumprimos o necessário distanciamento físico imposto pela pandemia, expandimos nossas fronteiras, e não o contrário. Pois compreendemos de maneira cada vez mais evidente que habitamos todos um mesmo mundo, uma casa comum, cabendo, portanto, a todos e a cada um o protagonismo deste cuidado num sentido ampliado. Essa reflexão sobre o cuidar-se e suas múltiplas implicações é tema de reportagem desta primeira edição de 2021 da **Revista E**.

Também neste mês, o cantor e compositor Chico Buarque relembra, em *Depoimento*, o processo de criação de seu primeiro álbum, lançado em 1966. Em *Encontros*, o artista circense Fernando Sampaio rememora seus trabalhos à frente da Cia. La Mínima. Em *Entrevista*, o pesquisador e escritor João José Reis fala sobre a escravidão no Brasil do século 19. Obras da exposição *Transbordar: Transgressões do bordado na arte*, do Sesc Pinheiros, ilustram a matéria *Gráfica*. E, no *Inéditos*, poemas de Natália Agra. Bom ano, cuide-se e boa leitura!

DANILO SANTOS DE MIRANDA

Diretor do Sesc São Paulo



Natália Reis

Em **ENTREVISTA**, o pesquisador e historiador da UFBA João José Reis fala sobre a escravidão no Brasil do século 19 e como ela repercute na atualidade

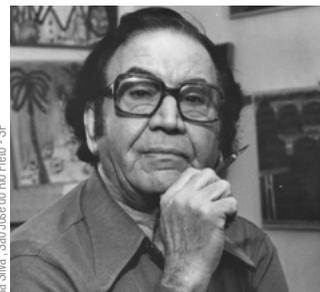
10



Photoplay

Atividades físicas, fruição cultural e outras práticas no cotidiano para promoção do **CUIDADO DE SI E DOS OUTROS**

18



Museu de Arte Primitivista 'José Antônio da Silva', São José do Rio Preto - SP

No **PERFIL**, o legado do artista autodidata José Antônio da Silva e a **PAISAGEM VIVA** de uma obra dedicada ao ambiente rural

26



O Hematoma de Brígida Balhar

Na **GRÁFICA**, obras de artistas que buscam **BORDAR ALÉM**, transformando uma linguagem artística que desatou estereótipos

32



Leandro Scahill

A crescente preocupação de uma arquitetura em consonância com o meio ambiente e o conforto de seus usuários desenha **NOVOS TEMPOS**

48

DOSSIÊ

7

EM PAUTA | TRABALHO E PANDEMIA

56

ENCONTROS | FERNANDO SAMPAIO

62

DEPOIMENTO | CHICO BUARQUE

66

INÉDITOS | NATÁLIA AGRA

68

ALMANAQUE PAULISTANO

72

P.S. | TERÊ GOUVÊA

76

Lançamento Selo Sesc

O ANEL
Miguel Wisnik e Alaíde Costa canta José

O disco reata um elo silencioso e intacto que existia entre o compositor e pianista **José Miguel Wisnik** e a cantora e compositora **Alaíde Costa**, há mais de 50 anos.

Já disponível

Sesc
digital



selo
Sesc

Visite a loja virtual e
conheça o catálogo completo
sescsp.org.br/loja

    /selosesc

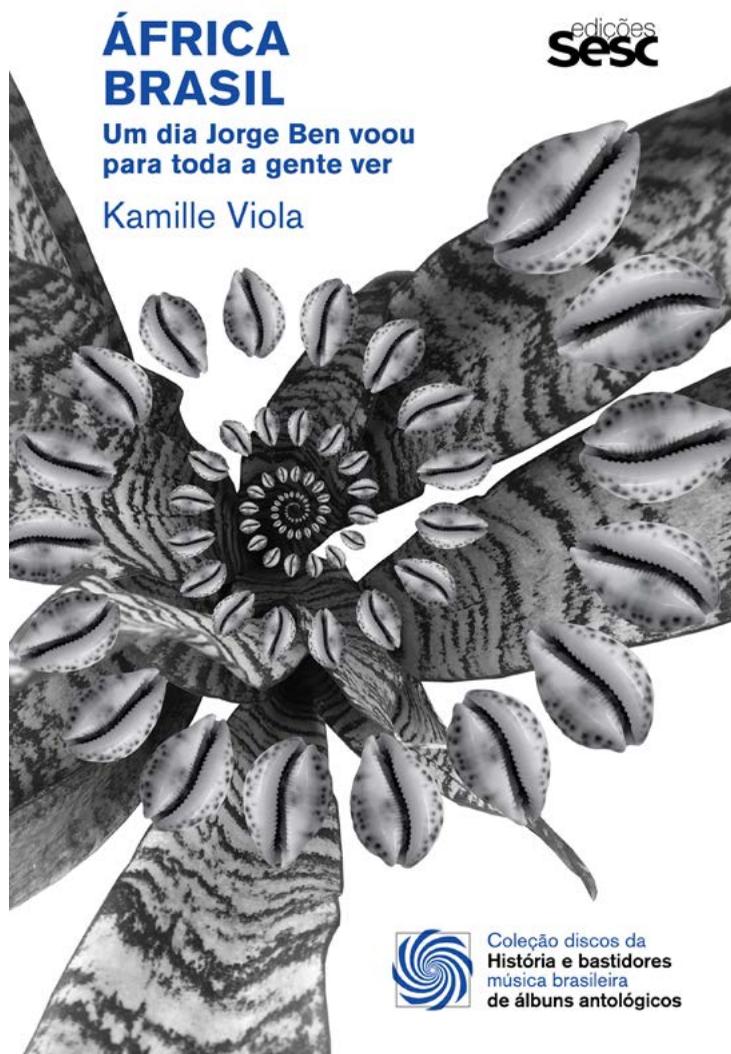
AO SOM DO BEN

A TROCA DO VIOLÃO PELA GUITARRA E OUTRAS ALQUIMIAS FAZEM PARTE DO TERCEIRO VOLUME DA COLEÇÃO DISCOS DA MÚSICA BRASILEIRA

“Se não fosse Jorge Lima Menezes, o Babulina do Rio Comprido, a história da música brasileira certamente seria outra”, descreve a jornalista e pesquisadora musical Kamille Viola, autora do recém-lançado e-book *África Brasil – Um Dia Jorge Ben Voou para Toda a Gente Ver* (Edições Sesc São Paulo, 2020), da coleção Discos da Música Brasileira. É que o músico carioca segue como “um farol” para artistas de diferentes gerações e gêneros musicais, a exemplo de Gilberto Gil, Mano Brown e Marcelo D2, que dão seus depoimentos no livro. Divisor de águas e 14º álbum da carreira, o disco *África Brasil* compõe um importante capítulo da história da música brasileira.

“Para nós foi quase impossível fazermos uma coleção em torno de grandes álbuns da música brasileira e não chegarmos ao Jorge Ben. Músico que não tem apenas um ou dois discos que entram facilmente em qualquer lista de maiores da produção brasileira; ele sozinho tem uma coleção de obras históricas, como *Samba Esquema Novo* (1963, álbum de estreia), *A Tábu de Esmeralda* (1974) ou *Solta o Pavão* (1975). Escolhemos o álbum *África Brasil* por marcar uma virada na obra do artista, e a jornalista Kamille Viola, no livro, faz um belo trabalho passando por todos os grandes discos de Jorge Ben para chegar a este, lançado em 1976”, explica Jefferson Alves de Lima, coordenador editorial das Edições Sesc São Paulo.

Série de livros digitais, a coleção Discos da Música Brasileira dedica-se aos bastidores de álbuns que marcaram as composições produzidas no país. Seja pela estética, por questões sociais e políticas, ou pela influência sobre o comportamento do público na época. Artistas e grupos são protagonistas dessa história. Formam essa coleção o e-book de estreia, *Da Lama ao Caos: Que Som É Este Que Vem de Pernambuco?*, de José Teles; e o segundo volume, *Acabou Chorare: O Rock'n'roll Encontra a Batida de João Gilberto*, de Márcio Gaspar e organização do crítico musical Lauro Lisboa Garcia. Saiba mais no site www.secsp.org.br/edicoessesc.



Divulgação

ESCOLHEMOS O ÁLBUM *ÁFRICA BRASIL* POR MARCAR UMA VIRADA NA OBRA DO ARTISTA, E A JORNALISTA KAMILLE VIOLA, NO LIVRO, FAZ UM BELO TRABALHO PASSANDO POR TODOS OS GRANDES DISCOS DE JORGE BEN PARA CHEGAR A ESTE, LANÇADO EM 1976.

JEFFERSON ALVES DE LIMA,
coordenador editorial das Edições Sesc SP.



Karin Yuri

90 ANOS DE ARQUITETURA

Da década de 1920 aos dias atuais, quais traços e perspectivas desenham a história de monumentos, edifícios e outros espaços projetados no país? A exposição *Infinito Vão – 90 Anos de Arquitetura Brasileira*, em exibição no Sesc 24 de Maio, convida os visitantes a viajar por esse recorte de tempo. Um período de liberdade de criação trazida pela modernidade e pela contemporaneidade advindas de novos pontos de vista artístico-culturais, em contraponto à arquitetura clássica, influenciada por construções europeias. Sob curadoria de Fernando Serapião e Guilherme Wisnik, o acervo é composto por imagens e reproduções de obras de 96 figuras emblemáticas, como Lúcio Costa, Lina Bo Bardi, Oscar Niemeyer, Vilanova Artigas e Paulo Mendes da Rocha. A mostra fica em cartaz até 27 de junho. Agende sua visita e saiba mais: www.sescsp.org.br/exposicoes.

NÃO É PELO CALOR DA BATALHA QUE O ARTISTA [KADER ATTIA] SE INTERESSA, NO ENTANTO, MAS PELO QUE VEM DEPOIS DELA – O TRAUMA QUE SEUS SOBREVIVENTES CARREGAM. DÁ O CONCEITO CENTRAL DE SEU TRABALHO, O DA REPARAÇÃO.

CLARA BALBI, no jornal *Folha de S.Paulo*, sobre a exposição *Irreparáveis Reparos*, primeira mostra solo do artista franco-argelino Kader Attia no Brasil, em cartaz no Sesc Pompeia até 5 de janeiro.



Dih Lemos

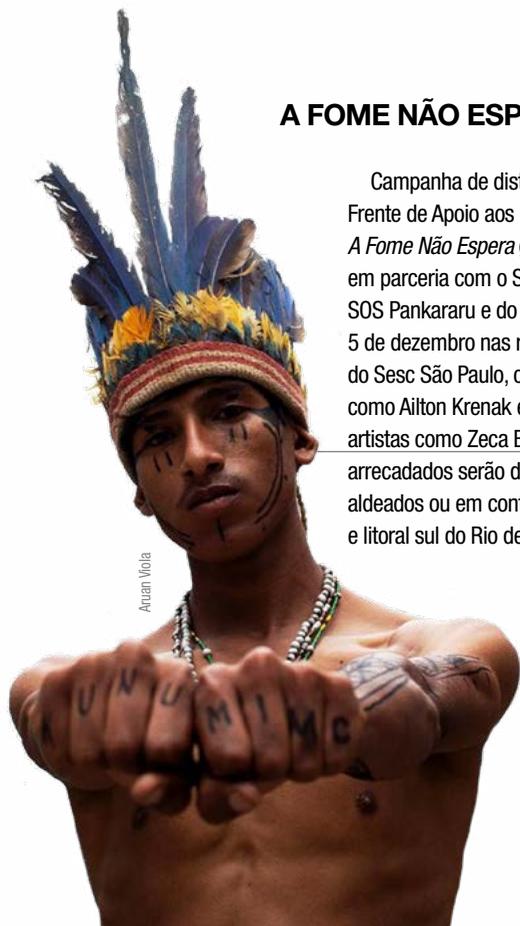
A FOME NÃO ESPERA

Campanha de distribuição de alimentos realizada pela Frente de Apoio aos Povos Indígenas do Brasil (Fapib), *A Fome Não Espera* ganhou um festival homônimo, em parceria com o Sesc São Paulo e apoio da Associação SOS Pankararu e do Instituto Akhanda. Transmitido em 5 de dezembro nas redes sociais e no canal do YouTube do Sesc São Paulo, o festival reuniu lideranças indígenas como Ailton Krenak e Watatakalu Yawalapiti, além de artistas como Zeca Baleiro e **Kunumi MC**. Os recursos arrecadados serão destinados a mais de 40 mil indígenas aldeados ou em contexto urbano no estado de São Paulo e litoral sul do Rio de Janeiro. Mais informações sobre a campanha e como participar:

www.sescsp.org.br/online/artigo/14924_FESTIVAL+A+FOM0+ESPERA+LEVA+APOIO+AOS+INDIGENAS

POLÍTICAS CULTURAIS

Importantes pesquisadores contemporâneos fizeram parte do seminário *Pensadoras(es) das Políticas Culturais*, realizado no ambiente virtual pelo Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo (CPF) entre os meses de novembro e dezembro passado. A ação teve como foco o estudo específico das formulações das políticas culturais no Brasil e a análise da contribuição de cinco personalidades – Mário de Andrade, Celso Furtado, Marilena Chaui, Aloísio Magalhães e Gilberto Gil – ao pensamento acerca das políticas culturais no Brasil. Participaram desses cinco encontros o cineasta e professor Carlos Augusto Calil, o professor Paulo Miguez e as professoras Lia Calabre, Claudia Leitão e Sophia Rocha. O evento foi organizado pelo professor Antônio Albino Rubim, que conduziu as discussões nos encontros do seminário.



Arucan Viola



Divulgação

Estreia no SescTV a série *Os Imortais*, que traz adaptações literárias de autores brasileiros consagrados e de diferentes gerações, como Machado de Assis e Jorge Amado. O primeiro episódio, *O Fim de Arsênio Godard* (foto), baseado na obra de João do Rio, será exibido no dia 23/1, às 22h. Dirigida por Adolfo Rosenthal e Thiago Di Fiore, a série também está disponível *on demand*. Saiba mais: www.sesctv.org.br.

SESC IDEIAS

+ DE **283 MIL**
VISUALIZAÇÕES DA PROGRAMAÇÃO

- + de **18 MIL**
VISUALIZAÇÕES DO ENCONTRO
Humanismos e Solidariedade na Sociedade Contemporânea: Saberes de Edgar Morin
- + de **10 MIL**
Violência contra o Idoso Durante a Pandemia
- + de **6 MIL**
Tempo de Estar: Um Olhar sobre Educação Antes e Pós-Pandemia

Fonte: Sesc São Paulo / Números referentes ao período de 13/5 a 6/12/2020

IDOSOS CONECTADOS

Visando à importância da inserção da população acima dos 60 anos no universo digital, o Sesc Guarulhos realiza a série *Conecta: Educação Tecnológica para Idosos*. Nela, vídeos tutoriais, produzidos mensalmente, orientam esse segmento da população brasileira que hoje corresponde a mais de 28 milhões de pessoas. O objetivo dessa ação é que os usuários possam utilizar de maneira eficiente e consciente a internet, redes sociais e aplicativos, ferramentas indispensáveis nesse momento de restrição social. Disponibilizada no canal do YouTube do Sesc Guarulhos, *Conecta* é apresentada por educadores e educadoras de tecnologias e artes, que ainda trazem dicas sobre o mundo online. Confira: www.youtube.com/channel/UCwjfezN3NyP3vPNI41sUgEQ.



Divulgação

Fotos: Metálica Reis



História reivindicada

PESQUISADOR E PREMIADO AUTOR DE OBRAS SOBRE A ESCRAVIDÃO
NO BRASIL DO SÉCULO 19 COMENTA O CRESCENTE INTERESSE
PELO PERÍODO E SEUS DESDOBRAMENTOS NA ATUALIDADE

O que realmente se sabe do passado de escravidão no Brasil? Quem eram, de onde vieram, como manifestaram sua cultura e seus saberes os homens e as mulheres capturados no continente africano para serem força de trabalho escravizada no país? Historiadores, sociólogos, antropólogos e pesquisadores de outras áreas de conhecimento vêm publicando nas últimas quatro décadas novas investigações sobre personagens cujas vidas foram omitidas por séculos nos livros de história. “Tanto estudos antropológicos quanto sociológicos sobre desigualdade de classe, racismo e também sobre escravidão resultam de uma reivindicação pela história do negro feita com base nos movimentos e na mobilização militante dos negros a partir de meados da década de 1970”, aponta o historiador João José Reis, considerado uma referência mundial para o estudo da história da escravidão no século 19. No entanto, frisa o especialista, foi apenas em 2003 que a história dos povos negros no Brasil passou a ser incluída nos currículos escolares. Reis acredita que o crescente interesse pelo tema no meio acadêmico se dá pelo acesso a documentos resgatados. Fato que também conduziu a uma profusão de romances e biografias no mercado editorial brasileiro. Autor de diversas obras sobre o assunto, dentre elas *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835* (2003). Nesta Entrevista, o professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia (UFBA) fala sobre racismo, movimento abolicionista, desafricanização e sobre uma elite negra intelectual.

O racismo no Brasil é uma construção pós-abolição?

Na verdade, não é uma construção pós-abolição. É algo que está organicamente ligado ao período da escravidão, sobretudo ao século 19, quando se afirma a noção de que o escravo típico deve ser o escravo de pele negra, o preto. É um momento de racialização radical da escravidão. Porque, nos primeiros tempos, havia a escravização de indígenas no Império português, a escravização de asiáticos desde o século 15, e também desde então a escravização dos chamados mouros (muçulmanos). Então a escravidão moderna tinha várias cores. No século 19, a escravidão do mestiço claro começa a incomodar – vide o caso da escrava Isaura [*personagem do romance A Escrava Isaura, escrito por Bernardo Guimarães em 1875*] – porque já se formara uma camada ampla de mestiços livres na população, aliás uma maioria. Daí saíram figuras importantes do Império, como Antônio Pereira Rebouças e seu filho André Rebouças, entre outros. Isso converge com o adensamento do discurso racista, da construção da desigualdade social como uma desigualdade herdada da “raça”, geneticamente determinada. Aí vêm as teorias chamadas científicas que se desenvolvem ao longo da segunda metade do século 19. Quando acontece a abolição, o Brasil estava pronto para esse tipo de narrativa. O racismo, sobretudo do ponto de vista ideológico, é uma construção, principalmente, da pós-abolição, mas está embutido no período anterior.

Havia conflito entre negros livres que tinham negros escravizados?

A grande maioria das pessoas escravizadas eram escravizadas por brancos. Mas havia também negros livres ou libertos senhores. Não é algo que você possa simplesmente falar: houve negros donos de escravizados. Havia um número proporcionalmente pequeno, sobretudo na cidade, que conseguia não apenas se alforriar como escravizar. Cerca de 20% dos africanos libertos eram senhores em Salvador, o que é um percentual razoável, mas que não se repetia na área rural, onde estava concentrada a população escravizada. Não esquecer que quem mandava no grande “jogo” do tráfico e da escravidão eram os europeus e, depois, os brancos nascidos no Brasil. E se deve atribuir o aspecto sistêmico da escravidão, com muita ênfase, às nações europeias, praticamente todas elas. Por exemplo, no século 18, a nação que mais traficou foi a Inglaterra, exatamente aquela que capitaneou o movimento abolicionista atlântico. Mas, ao longo dos mais de 300

OS MOVIMENTOS NEGROS TIVERAM PAPEL FUNDAMENTAL NA REDESCOBERTA DA HISTÓRIA DO NEGRO E DA ESCRAVIDÃO EM PARTICULAR

anos que durou o tráfico transatlântico, coube aos luso-brasileiros a primazia, responsáveis que foram por quase 40% dos cativos vitimados.

Chegou a existir uma espécie de divisão entre os negros africanos e os negros brasileiros em movimentos e revoltas no Brasil?

Essa é uma questão que a gente tem que responder em termos regionais. Na Bahia a resposta é sim. Em outros locais, em geral não. Temos exemplos de revoltas em Minas, no Rio, em São Paulo, no Rio Grande do Sul, no Maranhão, em Pernambuco, em que africanos e brasileiros escravizados se juntaram em revoltas. Já as famosas revoltas baianas na primeira metade do século 19, que foram mais de 30, entre levantes e conspirações, foram todas levadas a cabo por africanos natos – com exceção de uma, africanos de determinados grupos étnicos: os iorubás, conhecidos como nagôs, e os haussás, ambos povos oriundos da atual Nigéria, trazidos para a Bahia em grande número naquele período, principalmente os nagôs, que chegaram a constituir cerca de 70% dos escravizados em Salvador. Os também numerosos jejes e os angolas não participaram de levantes. Os rebeldes tampouco contaram com o apoio dos negros locais, chamados crioulos. Mas, se os crioulos não se juntaram aos africanos em revolta, eles se juntaram nos candomblés e irmandades católicas. Nunca, porém, nos grupos muçulmanos.

E nas gerações seguintes?

Mesmo quanto às práticas culturais, os africanos e os aqui nascidos nem sempre convergiam ao mesmo lugar. Permanece alguma diversidade, inclusive em como cultuar os deuses. No final do século 19, Nina Rodrigues [*médico e etnólogo brasileiro, 1862-1906*] ouviu de uma senhora africana, sabedora das coisas, que havia candomblé de africano e candomblé de

crioulo numa altura em que a população africana já era bastante reduzida em Salvador. Eu também encontrei um documento escrito por uma autoridade policial de meados do século 19 que falava de samba de brasileiro e samba de africano, mas esse era um momento de grande densidade da presença africana. Agora, nos candomblés, nas irmandades e nos próprios sambas, a convivência, a cooperação e a solidariedade entre os nascidos no Brasil e os nascidos na África era infinitamente maior do que nas revoltas.

Boa parte dessas nações africanas no Brasil tinha um letramento e tecnologias próprias. Qual a contribuição delas na organização da sociedade naquele momento?

Em termos de letramento, eram raros os africanos e mesmo os brasileiros escravizados que sabiam ler e escrever português. Mas havia africanos que liam e escreviam o árabe, por serem muçulmanos letrados. Havia comunidades muçulmanas significativas nas grandes cidades do Império do Brasil – Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e, sobretudo, Salvador. Em todas elas, se sabe que a escrita árabe era ensinada por mestres versados na língua do Alcorão. Quanto às tecnologias trazidas da África, vieram de lá ferreiros, construtores, peritos em ervas medicinais, agricultores e gente que tinha alguma experiência com mineração. Em Minas Gerais, preferiam cativos da Costa da Mina (golfo do Benim) porque, supostamente, teriam experiência com a prospecção de ouro. Da grande Senegâmbia chegaram grupos especialistas no plantio de arroz. Estes foram, principalmente, levados para o norte do Brasil: Pará, Maranhão. Acrescente-se o vasto conhecimento botânico, que incluía plantas medicinais e o modo de usá-las, trazido de várias partes da África. Outra coisa interessante é que muitos africanos aprenderam tão bem a arte da construção que muitos, uma vez libertos, retornaram à África e lá reproduziram o modelo arquitetônico luso-brasileiro. Já deviam ter trazido, provavelmente, algum treinamento básico como construtores quando foram aqui escravizados, logo a ser investigado melhor.

Havia também a habilidade com o comércio?

Sim. Sobretudo entre os africanos vindos da Costa da Mina. Eles se tornaram exímios comerciantes, principalmente nas cidades maiores e menores do Brasil escravista, mas também mascateavam pelas fazendas e vilas do interior. Havia uma tradição de pequeno comércio exercido pela mulher na Costa da Mina e também em Angola, por exemplo, as principais regiões fornecedoras de cativos para o Brasil. Mas os pesquisadores têm destacado sobretudo o sucesso dos negros “minas” no pequeno negócio. Na África, não apenas as mulheres do povo, digamos assim, mas também as da elite, inclusive mulheres dos reis, negociavam. Algumas chegaram a ser grandes comerciantes. No Brasil, os africanos e africanas reproduziram a destreza para o comércio, o comércio miúdo, médio, mas não o grande comércio. O comércio do alimento cru e cozido, o comércio da quinquilharia, de tecidos africanos. O comércio feito em barracas ou de porta em porta eram grandemente controlados pelas mulheres africanas nas grandes cidades. Não foi coisa que aprenderam aqui, já existia uma experiência anterior que no Brasil foi aprimorada e adaptada ao ambiente local.

Também há relatos de artesãos e artesãs?

Sim. Estes que você chama de artesãos na época eram chamados oficiais mecânicos – pedreiros, ferreiros, marceneiros, carpinteiros, sapateiros e assim por diante. Eram preocupações, principalmente, embora não exclusivamente, do negro nascido no Brasil, o crioulo, o pardo, o “cabra”. Nas listas de cativos dos inventários, percebe-se uma tendência nítida para que

essas ocupações mais especializadas fossem tocadas pelos nascidos no Brasil. Porque eles eram treinados nisso desde muito cedo na vida. Ao contrário dos africanos, não tinham que aprender a língua do branco para serem ensinados nessas profissões. Além do que, havia um preconceito típico dos escravocratas de que os aqui nascidos eram mais inteligentes que os africanos. Isso não quer dizer que não existissem africanos artesãos. Existiam também, estou falando de uma tendência estatística.

OS LIVROS DE
MACHADO DE
ASSIS SERIAM UMA
GRANDE METÁFORA
PARA DISCUTIR A
ESCRavidÃO E SUAS
CONTRADIÇÕES

Há uma leitura dos livros de Machado de Assis de que os brancos quase não trabalhavam e quem trabalhava, de fato, eram pessoas escravizadas.

Tem muita gente branca vivendo como funcionário público nos livros de Machado, não é? Porque ele retrata uma camada média para alta da sociedade que vivia desses empregos, em geral, conseguidos na base do apadrinhamento, do clientelismo, que ele, inclusive, retrata com maestria em seus livros. Por outro lado, Sidney Chalhoub [*historiador brasileiro e autor de Machado de Assis Historiador – Companhia das Letras, 2003 –*, entre outras obras] já mostrou que os livros de Machado de Assis seriam uma grande metáfora para discutir a escravidão e suas contradições. Machado retratou o paternalismo como dominação de classe e a resistência dos subalternos, não pela rebeldia aberta, mas por estratégias sutis de enganação, de manipulação moral e psicológica do senhor, que, nas obras do escritor, é representado na figura do pai, do marido, do irmão – homens brancos que pensavam que o mundo existia para servi-los.

No movimento abolicionista havia uma elite intelectual negra e diversa. Como se formou essa elite naquele momento?

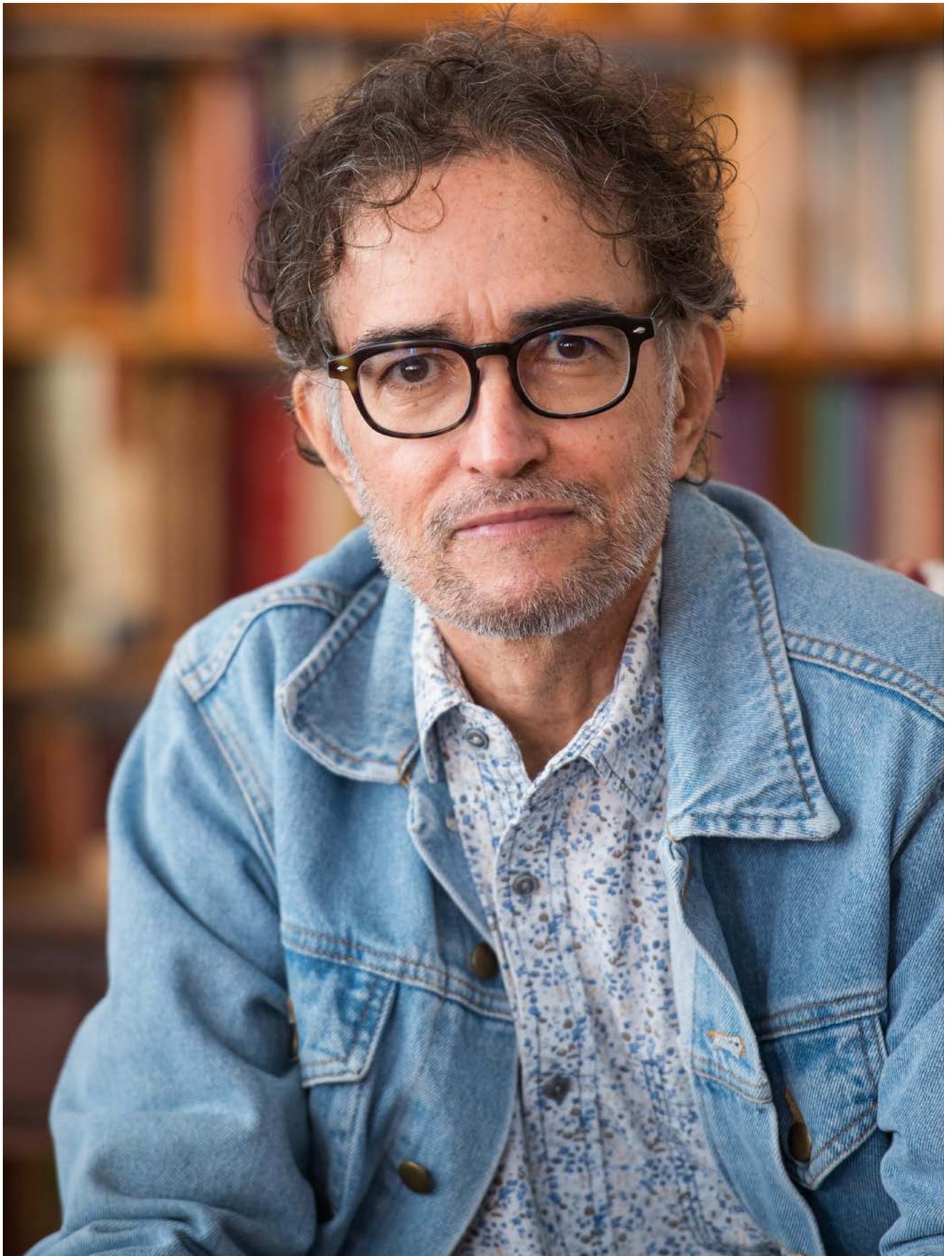
É uma elite pequena, embutida nas camadas médias intelectualizadas, formada por mestiços que, em geral, haviam ascendido com enorme esforço, às vezes por meio de conexões com políticos, funcionários da alta burocracia estatal etc. Mas não é possível generalizar. Apesar de nascido livre, Luiz Gama [*leia o Perfil sobre o jornalista e abolicionista*] foi ilegalmente escravizado e sua trajetória partiu desse ponto. Já André Rebouças nasceu numa família afluente, filho de um conselheiro do Império, jurista, senhor de escravos. André, que era engenheiro, chegou a ser empresário de algum sucesso. Os abolicionistas negros eram, na sua maioria, profissionais liberais mestiços; escritores, como Maria Firmina Reis (e aí temos uma mulher), Castro Alves e Machado de Assis; editores, como Francisco de Paula Brito; e jornalistas, como José do Patrocínio. Uma elite intelectualizada que se formou ao longo da segunda metade do século 19 na vibração abolicionista. Eram, em geral, produto do ambiente urbano. Não que inexistissem abolicionistas com esse perfil racial nas cidades do interior, mas esse era, principalmente, um fenômeno das cidades grandes e médias, onde havia uma sociabilidade em torno da cena cultural, das faculdades, do teatro, das livrarias e

NA ÁFRICA, NÃO APENAS AS MULHERES DO POVO, DIGAMOS ASSIM, MAS TAMBÉM AS DA ELITE, INCLUSIVE MULHERES DOS REIS, NEGOCIAVAM. ALGUMAS CHEGARAM A SER GRANDES COMERCIANTES

das redações de jornais, que foram os principais ambientes desse grande movimento. Mas não se deve esquecer que, se houve uma elite negra que abraçou o abolicionismo, houve também um setor popular negro muito importante, que militava, sobretudo, nos esquemas para proteger cativos fugidos e nos movimentos de rua, passeatas, plateias de teatros etc. Sem falar no protagonismo dos próprios escravizados fugindo, se rebelando, especialmente nos últimos anos e meses que antecederam a abolição.

Depois desse período no século 19, parece que há um enfraquecimento dessa elite intelectual. O que aconteceu?

Ela não deixou de existir, mas foi invisibilizada com o fim do abolicionismo, quando tinham seu destaque na cena pública. Desde o século 19, já vemos negros nas faculdades de medicina. Maurício Rebouças, tio de André, ensinou na Faculdade de Medicina da Bahia. E o abolicionismo penetrou nas faculdades de medicina, é importante lembrar. A gente vai encontrar muitos intelectuais negros adentrando o século 20, basta procurar – leiam as pesquisas de Wlamyra Albuquerque, Ana Flávia Magalhães e Petrônio Domingues, por exemplo. Portanto, esses intelectuais não desapareceram. Estavam, talvez, em alguns nichos. A exemplo da imprensa negra feita por uma certa classe média que existiu em Santos, São Paulo, Campinas, na Bahia e em Porto Alegre. Enfim, são periodistas bastante estudados. Há o caso de Manoel Querino, na Bahia, intelectual negro de prestígio, pesquisador, professor, sindicalista e carnavalesco. Um pouco mais tarde, brilham nos anais das ciências humanas intelectuais como o etnólogo Edison Carneiro, que também era dessa turma de negros importantes



e famosos. O pai dele escrevera sobre cultura popular e foi professor da Escola Politécnica. Seu irmão foi senador da República, autor da lei do divórcio – falo de Nelson Carneiro. Deles foi contemporâneo Abdias do Nascimento, que dispensa apresentação. Entre as mulheres, Virgínia Bicudo, psicanalista, professora e primeira parlamentar negra. Sem falar nas intelectuais orgânicas do candomblé – poços de sabedoria – como Mãe Aninha, Senhora, Estela. Na verdade, intelectuais negros e negras atuaram ao longo de todo o século 20 em áreas importantes da literatura, das artes, das humanidades, enfim, do cultivo do espírito.

Quanto à ideia da desafricanização, ela acontece no pós-abolição? Como ela se dá de fato?

As pessoas às vezes enfatizam demais o pós-abolição para falar sobre isso, mas tudo começou ainda na era escravista. A desafricanização já vinha acontecendo no Brasil desde a independência, que foi também um projeto de transformar o país numa espécie de espelho da civilização europeia (tirante Portugal), porém sem abrir mão da escravidão. No meu mais recente livro [Ganhadores, *Companhia das Letras*, 2019], discuto em detalhe a campanha de políticos e intelectuais baianos em prol da desafricanização de Salvador. Desafricanização inclusive do contingente trabalhador da cidade. Os africanos, tanto os escravizados quanto os libertos, segundo esses políticos e intelectuais, deviam ser expulsos para o trabalho na lavoura. E havia o aspecto cultural, naturalmente. A imprensa, por exemplo, vivia incentivando a polícia a reprimir o candomblé. Havia um jornal baiano chamado *O Alabama*, que se posicionava militantemente contra o candomblé. Ao mesmo tempo que criticava os castigos insanos que os escravizados recebiam, mandava espíões bisbilhotar os candomblés, de onde traziam notícias sobre seus rituais, seus deuses, seus feitiços e suas curas, e isso era publicado como prova de “barbárie” da cultura africana. Esse jornal, sem o querer, veio a ser uma das principais fontes sobre o período de formação do candomblé baiano. Essa mesma imprensa se queixava da presença das ganhadeiras nas ruas por perturbarem o sossego com seus pregões, atrapalharem o trânsito, sujarem as vias públicas, virando alvos dos desejos civilizatórios de uma elite branca. Ao mesmo tempo, alguns brancos frequentavam os terreiros, se curavam e alguns até se iniciavam no santo. Mas eram minoria, claro.

De que forma *O Alabama* serviu aos pesquisadores?

A gente lê as fontes depurando-as de seus preconceitos, qualquer fonte: as informações estão lá, embora imersas num discurso antiafricano. Enfim, o que quero dizer é o seguinte, você vê um crescente, mas vão, esforço de desafricanização em vários níveis ao longo da segunda metade do século 19, uma vez cessado o tráfico transatlântico. Aliás, uma das bandeiras agitadas a fim de parar o tráfico em 1850 era a desafricanização demográfica e suas consequências culturais e políticas. Isso segue num crescendo e depois da abolição se mistura com ideologias racialistas e o quadro se completa. O discurso se concretiza no cotidiano ainda com a ajuda da imprensa, que continua a combater o candomblé e outras manifestações da cultura africana, como os afoxés e cordões carnavalescos, a capoeira etc. O primeiro Código Criminal da República, de 1890, criminalizou a capoeira e a religião africana, esta enquanto exercício ilegal da medicina. O samba foi muito perseguido, isso é sabido. Enfim, há uma onda que adentra o século 20 com apenas alguns momentos de alívio. Até que, na década de 1930, as escolas de samba ganham um lugar no carnaval oficial, a capoeira se transforma num esporte nacional e o candomblé já é representado em congressos de estudos afro-brasileiros. Mas o candomblé na Bahia, por exemplo, só na década de 1970 deixaria de ser uma religião obrigada a pedir licença à Delegacia de Jogos e Costumes para realizar seus rituais.

Nesses últimos 30 anos, há um número grande de estudos sobre os negros no Brasil. Algo especificamente desencadeou esse interesse?

Esse é um interesse que vem se adensando desde a década de 1970, e seguiu crescendo desde então. Tanto os estudos sociológicos sobre desigualdade de classe, racismo, como a investigação historiográfica sobre escravidão foram influenciados pela reivindicação da história por parte dos movimentos negros desde meados da década de 1970. Na Bahia, por exemplo, data desse período a fundação do Ilê Ayê, que é um bloco afro, como outros que depois se formaram,

OUTROS PERSONAGENS FACILITAM A ESCRITA DE SUAS BIOGRAFIAS PORQUE CONSEGUIRAM SE ALFORRIAR E DEIXARAM RASTROS MAIS NÍTIDOS NOS ARQUIVOS

celebrando a história do negro não apenas no Brasil, mas também na África e nas Américas. A questão da memória histórica foi colocada por esses movimentos, tanto os de vibração mais cultural, como os blocos afros, quanto os mais estritamente políticos, como o MNU (Movimento Negro Unificado), fundado em São Paulo, em 1978. Em 1981, durante uma reunião da SBPC [*Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*] na Bahia, houve uma manifestação que já pedia que a história do negro fosse incluída nos currículos [*das escolas*]. Tinha lá um cartaz: “Pelo ensino da história e cultura negra” [*leia em <https://conversadehistoriadoras.com/2020/06/07/>*], o que só veio a acontecer por força de uma lei em 2003. Então, os movimentos negros tiveram papel fundamental na redescoberta da história do negro e da escravidão em particular.

E como isso alavancou no meio acadêmico?

Do ponto de vista das pesquisas propriamente ditas, foi essencial a criação dos cursos de pós-graduação em História, que começaram a produzir dissertações e teses sobre esse tema. E romperam com uma tradição ensaística, do tipo “intérpretes do Brasil”, predominante até a década de 1970 – caso dos grandes ensaios, das grandes sínteses e de teorias mais gerais sobre escravidão. Uma tradição em que os documentos manuscritos, os arquivos, foram pouquíssimo utilizados. A partir do final da década de 1970, esse quadro muda. E nunca mais essas pesquisas pararam de crescer. Graças a essas dissertações e teses, muitas das quais viraram artigos e livros, temos não apenas uma nova historiografia da escravidão, mas uma historiografia baseada em arquivos, em documentos originais riquíssimos,

pois, da mesma forma que a escravidão permeava toda a sociedade brasileira, seus documentos se encontram em cada canto desses arquivos.

Por isso observamos a publicação de biografias de negros escravizados? Ou seja, temos aí uma personalização da história?

Esta é uma pergunta interessante, porque nos Estados Unidos sempre houve essa pegada biográfica, uma vez que os próprios escravizados criaram autobiografias. Eles fugiam para o norte, eram abrigados por abolicionistas que tomavam seus depoimentos e os transformavam nas famosas “narrativas escravas”: um verdadeiro gênero literário que cumpria a missão de alimentar ideologicamente o movimento abolicionista do país. Nós não tivemos essas narrativas, até porque não tivemos uma região com solo livre para onde os escravizados pudessem fugir. Nos Estados Unidos, essas autobiografias funcionaram como uma fonte de primeira mão sobre a experiência escrava, a partir da qual era possível correr atrás de outros documentos para criar, aí, sim, biografias. No Brasil, acho que a primeira biografia, ou tentativa de biografia, de uma pessoa escravizada, salvo engano, é a de Rosa Egipcíaca [Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil, *Bertrand Brasil*, 1993], por Luiz Mott, publicada na década de 1990. O autor encontrou um processo da Inquisição por heresia contra ela e montou sua biografia a partir desse documento. Nesses processos, os inquisidores induziam as acusadas a narrar sua vida, em muitos casos, pelo menos. Depois desse livro, vieram outras biografias. Para falar da mais recente, acaba de sair uma, escrita por Charlotte Castelnau-L'Estoile, sobre uma angolana escravizada no Brasil no século 17, presa e julgada pela Inquisição pelo crime de bigamia. Chama-se Páscoa [Páscoa Vieira Diante da Inquisição – Uma Escrava entre Angola, Brasil e Portugal no Século XVII, *Bazar do Tempo*, 2020]. Outros personagens facilitam a escrita de suas biografias porque conseguiram se alforriar e deixaram rastros mais nítidos nos arquivos. Seja porque se tornaram proprietários e se encontram suas transações nos livros de tabeliães, porque escreveram testamentos e quando morreram foram feitos inventários de seus bens, mas também porque batizaram muita gente, casaram-se e morreram na Igreja, e por aí vai. Com isso, conseguimos montar suas redes de sociabilidade, suas vidas familiares, os mecanismos de sua ascensão social, suas vivências nas irmandades etc. Eu mesmo já escrevi três biografias de africanos libertos. ■



Pixabay



Bem me quero

PEQUENOS ZELOS DIÁRIOS
GERAM SATISFAÇÃO, BENEFÍCIOS
À PRÓPRIA SAÚDE E TAMBÉM ÀS
RELAÇÕES SOCIAIS

Cuidado é, sem dúvida, uma das palavras mais pronunciadas e escritas desde março de 2020. Mas o que ela realmente significa e como aplicá-la em nossa vida? Segundo a fábula-mito do cuidado essencial, também conhecida como fábula de Higino — referência ao nome do pensador Gaius Julius Hyginus, da Roma Antiga —, o ser humano foi moldado pelo cuidado. “Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma ideia inspirada. Tomou um pouco do barro e começou a dar-lhe forma”, descreveu o filósofo Leonardo Boff no livro *Saber Cuidar* (Vozes, 1999). Na fábula, Cuidado pede ajuda a Júpiter, que sopra espírito no barro e, por isso, quer dar nome à criação. Quem também reivindica a autoria da obra é a Terra, que deu a Cuidado a matéria-prima necessária. Até que Saturno, como árbitro, resolve encerrar a discussão batizando a “escultura” de Homem, nome derivado da palavra húmus, que significa terra fértil, incumbindo Cuidado de zelar pela vida da criatura. Ou seja, “a fábula termina enfatizando que cuidado acompanhará o ser humano ao largo de toda a sua vida”, analisou Boff.

Sob esse ponto de vista, o cuidado é considerado uma característica inerente ao ser humano. E, segundo o professor do Departamento de Filosofia da Universidade

O simples ato de observar a respiração, seja meditando ou contemplando a natureza, é uma ação de autocuidado

de São Paulo (USP) Franklin Leopoldo e Silva, ele precisa estar voltado ao que é realmente necessário à humanidade. “Há pessoas que ainda têm a ilusão de que cuidar da exterioridade, do trabalho, do celular, de coisas que são úteis à vida, mas não essenciais, significa cuidar de si mesmo. Quando elas perceberem que cuidaram demais dessas coisas e não de si pode ser tarde demais”, alerta.

Nossa sobrevivência e a preservação de todo tipo de vida ao nosso redor dependem do ato de cuidar, algo que se manifesta de diferentes maneiras. Uma delas é reforçada por especialistas da área da saúde principalmente neste período de restrição social: atividade física. Seja em casa ou em locais abertos (seguindo todas as recomendações dos órgãos de saúde), caminhar, dançar, fazer ginástica, yoga ou outras práticas geram benefícios ao corpo (por exemplo, a prevenção de doenças crônicas não transmissíveis como diabetes tipo 2 e doenças cardiovasculares) e à mente (por exemplo, a prevenção de quadros de ansiedade e depressão), promovendo ainda disposição, concentração e bem-estar.

A busca pela manutenção de uma vida saudável inclui atitudes que afetam aspectos biológicos, psíquicos e sociais do ser humano. Por isso, os cuidados devem começar por esta “casa” onde habitamos. Para a professora e pesquisadora inglesa Margaret Whitehead, do Centro Colaborador da Organização Mundial de Saúde (OMS) para Pesquisa Política sobre os Determinantes Sociais da Saúde, “está claro que não existe nenhuma separação entre nossa natureza corporal e nossa natureza afetiva; somos todos uma coisa”, disse em entrevista à *Revista E* (*leia na íntegra na edição 269*).

E se você pensou: “Isso não é para mim”, unindo-se a uma vasta camada da população brasileira que não acredita estar apta à prática de qualquer tipo de exercício físico, que tal reavaliar essa ideia? Afinal, “não existe comparação e você não irá fracassar porque ninguém é melhor ou pior que ninguém”, ressaltou Whitehead. “Você está no seu próprio percurso e pode obter progressos o tempo todo.”

Prática diária

A OMS apontou uma nova orientação quanto ao tempo dedicado à atividade física em novembro passado. Uma das principais razões para a mudança é o aumento do índice de sedentarismo na sociedade ▶

Pequenas ações, grandes mudanças

ESCOLHAS CONSCIENTES,
EQUILIBRADAS E
PRAZEROSAS PARA CULTIVAR

Algumas atitudes incorporadas ao dia a dia são responsáveis por mudanças positivas para toda a vida. Confira algumas sugestões:

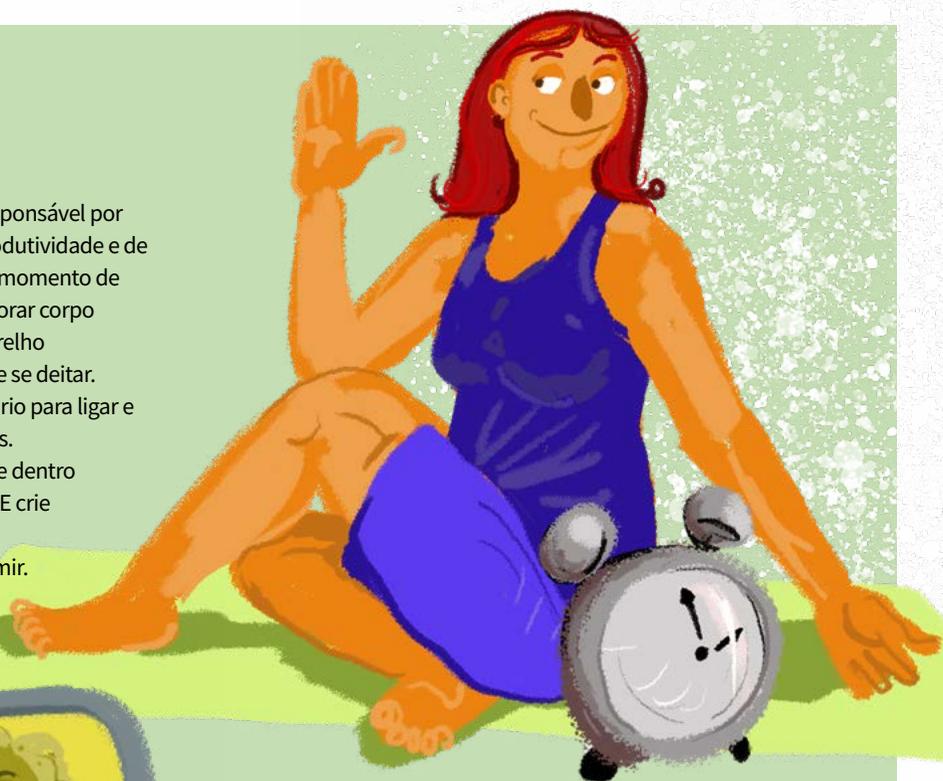
Tá no prato

O que você escolhe ingerir tem impacto direto na sua saúde física e mental. Uma alimentação baseada em alimentos frescos, saudáveis, e no lema “descasque mais e desembale menos”, traz benefícios à memória, concentração, fortalecimento do sistema imunológico e prevenção de doenças. Que tal aproveitar esse momento de preparo da refeição com uma seleção musical ou podcast de que você gosta? Depois, basta sentar-se à mesa e desfrutar do café da manhã, almoço ou jantar.



Ajuste seu relógio

O trabalho remoto está sendo responsável por um desequilíbrio entre horas de produtividade e de descanso. Uma forma de cuidar do momento de repouso para repor energias e revigorar corpo e mente é desligar ou colocar o aparelho de telefone em modo avião antes de se deitar. Adote, também, uma rotina de horário para ligar e desligar o computador e outras telas. Tente encerrar o expediente, seja ele dentro ou fora de casa, no mesmo horário. E crie rituais de relaxamento como tomar um banho ou meditar antes de dormir.



Encontro marcado

Ainda que não seja possível se reunir com amigos e familiares da mesma maneira que antes da pandemia, a interação com outras pessoas é de extrema importância para a saúde mental. Cuide de suas relações. Programe um jantar ou conversa por aplicativos de videochamadas, converse pelo telefone, mande mensagens e compartilhe o que você está sentindo, lendo, pensando ou assistindo.

Fruição cultural

Um livro, uma música, um espetáculo. Diferentes expressões da arte podem nos transportar para novos cenários e perspectivas. E são muitas as opções de leitura, álbuns e apresentações disponíveis nas plataformas digitais. Crie um momento no seu dia para ler algumas páginas do livro que você deixou na gaveta; ouça um podcast ou músicas de que gosta, assista a um filme indicado por um amigo.





Pixabay

Reservar uma hora do seu dia para ler um livro é um hábito enriquecedor e sem restrições

► mesmo antes da necessidade de isolamento doméstico. No Brasil, de acordo com dados da Pesquisa Nacional de Saúde 2019, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no mesmo mês, 40,3% da população de 18 anos ou mais de idade não praticou atividade física ou praticou por menos tempo do que o indicado. Atualmente, a recomendação da OMS para a população de adultos é de 150 a 300 minutos por semana de atividade física moderada, ou de 75 a 150 minutos por semana de atividade física intensa.

“A atividade física deixou de ser conceituada ou definida como uma atividade que promove um gasto energético. Ela é muito mais. E nesse momento de pandemia é que a gente consegue visualizar isso”, disse o professor do Departamento de Medicina Preventiva da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (EPM-Unifesp) Leandro Rezende. Não importa se você é do tipo que caminha ou corre, o

especialista explica que ambas as atividades (moderada e vigorosa) estão associadas à menor mortalidade por doenças cardiovasculares e câncer, por exemplo.

A constatação é um dos resultados obtidos por um estudo coordenado pela EPM-Unifesp em parceria com a Universidade de Wuhan (China), a Universidade de Santiago do Chile (Chile) e a Universidade Europeia Miguel de Cervantes (Espanha), realizado com quase meio milhão de pessoas. “A pesquisa não reflete a atividade física no âmbito da pandemia, mas esses efeitos sobre a saúde são esperados em qualquer outro momento”, destaca o professor, que coordenou a pesquisa. Outro resultado obtido é de que adultos que realizaram de 50% a 75% do total de atividade física semanal em intensidade vigorosa tiveram uma redução de 17% na mortalidade por todas as causas, quando comparados aos adultos que realizaram apenas atividades físicas de intensidade moderada.



Dentro e fora

ATIVIDADES, APRESENTAÇÕES,
DEBATES E OUTRAS AÇÕES FOMENTAM
O CUIDADO INDIVIDUAL E COLETIVO

A sociedade teve que aprender outra forma de ser, agir e se relacionar desde março do ano passado. Com isso, emergiu a necessidade da prática de diferentes expressões do cuidado. Por isso, a 26ª edição do Sesc *Verão* pretende levar ao público a mensagem: Cuidar faz bem. Realizada desde 1995, essa campanha do Sesc São Paulo tem como pressupostos o incentivo à inserção da prática regular de atividades físicas e esportivas no dia a dia das pessoas e a difusão da cultura esportiva.

“Abre-se um grande leque de possibilidades de informação e sensibilização do público, colocando o Sesc como uma instituição que fornece ferramentas para lidar com os riscos que se evidenciaram”, explica Júlio César Pereira, assistente técnico da Gerência de Desenvolvimento Físico-Esportivo do Sesc. Dentre algumas, exemplifica, “cuidar de si a partir de um cotidiano de hábitos saudáveis, praticando o autocuidado, repensar hábitos de consumo, de alimentação, de deslocamento, interagindo com a tecnologia em limites adequados, investindo tempo em atividades culturais e que ajudam na preservação da saúde mental, em momentos de fruição e convívio – tudo isso se insere numa perspectiva de cuidado expandido para a coletividade.”

De 16 de janeiro a 14 de fevereiro, o público poderá acessar e participar da programação disponível no portal, redes sociais e plataformas digitais do Sesc São Paulo. Acompanhe pelo site:

www.sescsp.org.br/sescverao.

Confira também treinos de atividades físicas, práticas esportivas e meditação, além de dicas de alimentação, apresentações musicais e teatrais, filmes e documentários nas redes sociais do Sesc São Paulo, na plataforma Sesc Digital, no canal do YouTube e no portal do Sesc São Paulo.

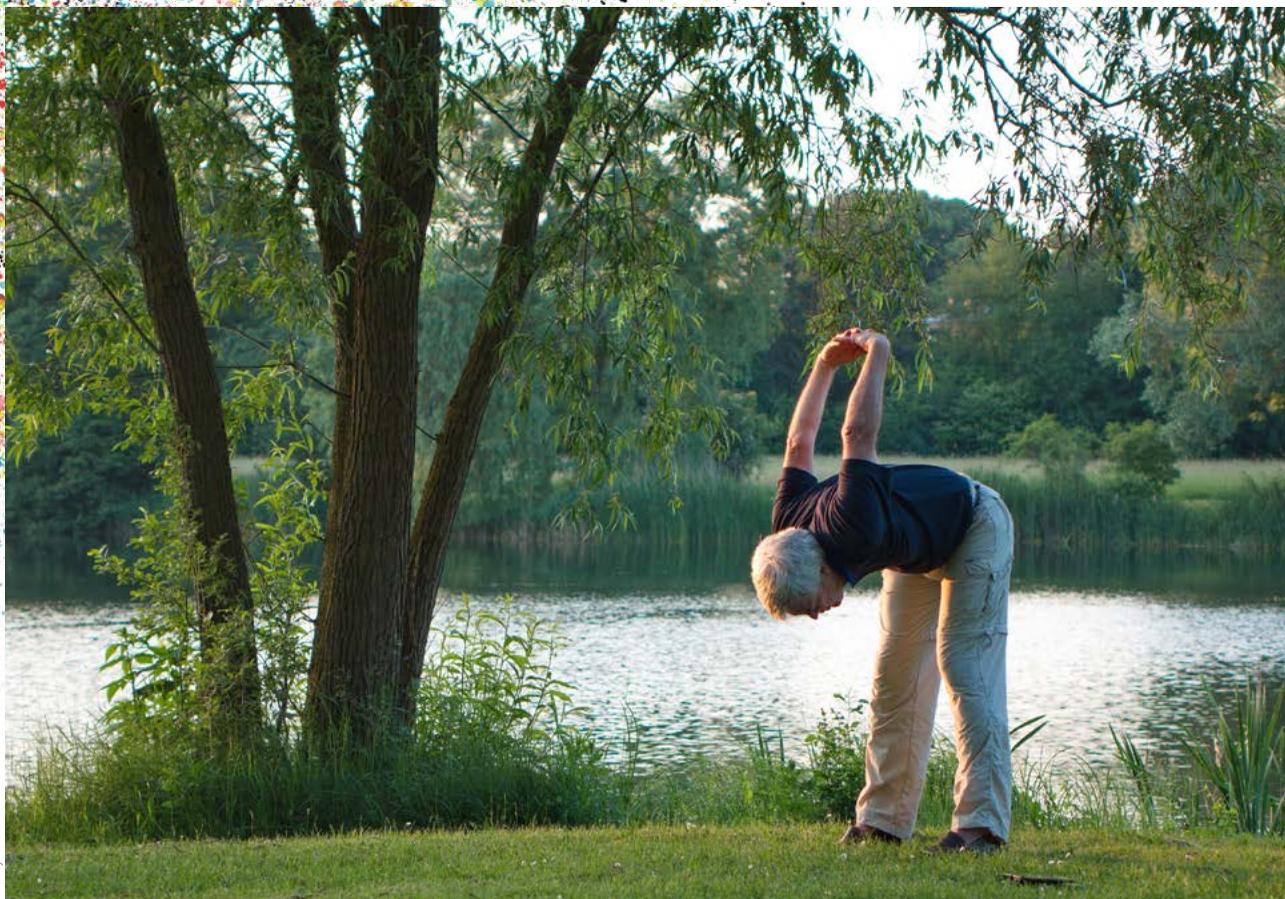
www.sescsp.org.br

youtube.com/sescsp

<https://sesc.digital/>

www.instagram.com/sescsp/

www.instagram.com/esportesescsp/



Pixabay

Atividades físicas, alongamentos e outras práticas corporais preservam nossa saúde física e mental

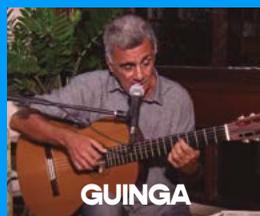
“Tentando trazer os resultados para o dia de hoje, estamos num contexto em que, na verdade, a atividade física intensa não é muito acessível uma vez que a maior parte das atividades físicas vigorosas são relacionadas a, por exemplo, atividades fora de casa ou em equipe, como práticas esportivas, ou mesmo em academia, o que, teoricamente, aumenta o risco de infecção pela Covid-19”, pondera. Nesse contexto, o especialista aconselha seguir as recomendações da OMS para atividades moderadas.

De si para outros

Para além de cultivar corpo e mente são, há outras formas de regar esse bem-estar consigo e, conseqüentemente, com aqueles ao redor. Pode ser o preparo de uma refeição nutritiva e prazerosa para desfrutar sem pressa à mesa; a contemplação

de um pôr do sol da janela; ler aquele livro há meses guardado; assistir a um filme que estava na sua lista; colocar sua música favorita para tocar (*leia boxe Pequenas ações, grandes mudanças*); ou reservar alguns minutos do dia para meditar.

Este ano nos trouxe um exemplo muito importante sobre o diálogo entre o cuidar de si e do outro ao mesmo tempo. O uso da máscara se tornou um símbolo de proteção e de coletividade, classificada pelos órgãos de saúde como importante instrumento para diminuir as taxas de transmissão do novo coronavírus. “Há um lado egoísta que esse cuidado de si pode trazer, e para prevenir esse lado tradicional na nossa cultura é que se constituiu uma nova forma de pensar, contemporânea, que é: eu me constituo a partir do outro e portanto eu constituo o cuidado de mim mesmo a partir do cuidado que eu tenho com o outro”, conclui o professor Franklin Leopoldo e Silva. ■



#emcasacomsesc

Lives de música, teatro, dança, esportes e programação para crianças com artistas e atletas brasileiros. Todas as apresentações são realizadas ao vivo e posteriormente ficam disponíveis nos canais oficiais do Sesc SP no YouTube e no Instagram.

Sesc^{tv}

Séries, documentários e programas exclusivos fazem parte da programação gratuita, presente em operadoras de TV por assinatura e on demand em sesc.tv.org.br. Os programas e filmes abordam temas sociais, artes visuais, teatro, dança, arquitetura, música, esporte, lazer, sustentabilidade, filosofia, ciências sociais, pedagogia entre outros temas e linguagens da contemporaneidade.

Sesc^{digital}

Plataforma de conteúdos com mais de 10 mil itens, como áudios, vídeos, imagens e publicações que representam parte do acervo formado pelo Sesc São Paulo ao longo de seus mais de 70 anos. Dentre as seleções inéditas estão uma série de cursos livres no formato de ensino à distância e mostras de cinema com catálogo atualizado semanalmente.



[instagram/sescaovivo](https://www.instagram.com/sescaovivo)
[youtube.com/sescsp](https://www.youtube.com/sescsp)
sesc.tv.org.br
sesc.digital
sescsp.org.br



Museu de Arte Primitivista - José Antonio da Silva - São José do Rio Preto - SP



brazzol
507 40



Paisagem VIVA

O CALEIDOSCÓPIO DO
ARTISTA JOSÉ ANTÔNIO
DA SILVA RESPLANDECE
EM PINTURAS, OBRAS
LITERÁRIAS E ATÉ NA MÚSICA

O escritor, escultor e pintor autodidata José Antônio da Silva em seu ateliê na cidade de São José do Rio Preto (SP): o artista levou para suas telas um universo pincelado na memória e na saudade

Sabe aquele ambiente de cidade de interior, lá onde o caipira conta causos fabulosos e a vida rural se reflete na paisagem? É nesse cenário de cultura popular que o escritor, escultor e pintor autodidata José Antônio da Silva desperta para o mundo das artes. “Suas reminiscências vinham à tona para produzir o espetáculo da natureza”, informa o pintor Jocelino Soares, que o conheceu nos idos dos anos 1970 e compartilha com ele a temática.

Conhecido pelos pares como o “SILVA” – o registro em maiúsculas é do colega Soares –, o artista, nascido em 1909, em Sales de Oliveira, município paulista, chamou atenção ao expor na Casa de Cultura de São José do Rio Preto (SP) em 1946. Também em São José do Rio Preto, onde morava desde 1939, ganhava a vida como trabalhador rural, entre outras atividades.

No entanto, a exposição marcou a virada para o pintor, que recebeu elogios dos críticos Lourival Gomes Machado e Paulo Mendes de Almeida, na época. A paleta inicial era pontuada por tonalidades frias em escalas de cores mais escuras e atrelada à nascente geração de pintores *naïfs* [o termo *naïf* vem do francês e significa *ingênuo ou inocente*]. Desse feito, resultou uma mostra em 1948 na Galeria Domus, já na capital paulista.



Acervo Sesc de Arte - foto: Everton Ballarín

Sem título. Gravura em metal. Sem data

DO BRASIL PARA O MUNDO

Daí em diante foi impossível frear o avanço de realizações, e Silva formou teias vibrantes entre os museus da metrópole. Teve, inclusive, pinturas adquiridas por Pietro Maria Bardi, diretor do Museu de Arte de São Paulo (Masp). Em seguida, em 1951, veio a participação na 1ª Bienal Internacional de São Paulo, na qual recebeu o Prêmio Aquisição do Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA). Depois disso, alçou voo pelo circuito internacional das artes plásticas.

Para Romildo Sant'Anna, que divide a curadoria da exposição *Caipirismo - José Antônio da Silva e Jocelino Soares (leia boxe Conversa na roça)* com Odécio Visintin Rossafa, esses acontecimentos representam a aceitação de Silva como expressão moderna e contemporânea. “Isso se confirma na seleção para a 1ª Bienal de São Paulo, juntamente com Heitor dos Prazeres”, explica.

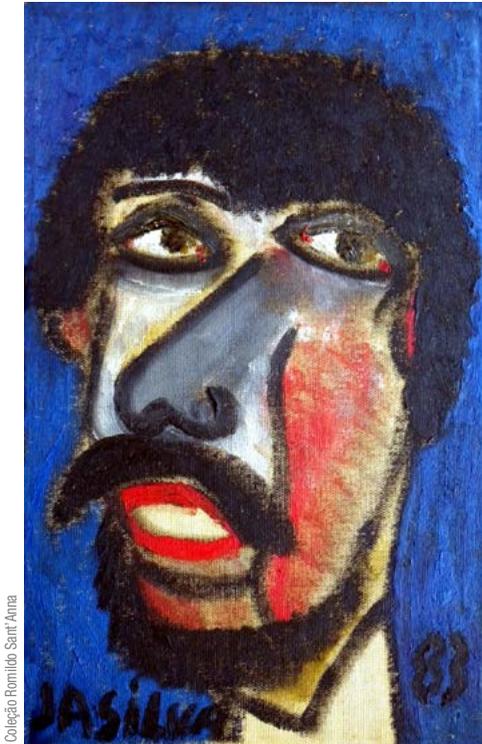
ARTISTA MULTIFACETADO

Nesse intervalo dourado, teve estreia literária editada pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), com *Romance de Minha Vida* (1949): um conjunto de memórias que ainda pode ser encontrado em sebos e traz na capa um trabalhador rural. Na prosa, lançou *Maria Clara* (1970), com prefácio do crítico literário Antonio Candido; *Alice* (1972); *Sou Pintor, Sou Poeta* (1982); e *Fazenda da Boa Esperança* (1987) – livros que refletem a sua vivência no campo e na pintura.

O ímpeto criador se espalhou ainda na gravação de dois LPs, ambos chamados de *Registro do Folclore Mais Autêntico do Brasil*, em 1966, trazendo composições musicais de sua autoria. Nesse mesmo ano, Silva abriu as portas do Museu ▶

Referências possíveis

CONHEÇA NOMES DA ARTE QUE DIALOGAM COM A PRODUÇÃO DE SILVA



Coleção Romildo Sant'Anna

Retrato do professor Romildo Sant'Anna, 1983

Andy Warhol (1928-1987)

Com sua *pop art*, faz colagens e busca diversas formas de expressão como parte da contracultura dos anos 1970. José Antônio da Silva também faz colagens e interferências em suas pinturas, como no quadro *Namoro com a Maria Clara* (1976), um óleo sobre tela e colagem em cima de fotografia – atribuída a Romildo Sant'Anna.

Vincent van Gogh (1853-1890)

Precursor do expressionismo, concentra no traço e na pincelada a força do gesto. Referência presente em obras como *Baile na Roça* (1969), um nanquim sobre cartão no qual os traços sutis de Silva são quase um rabisco, mas expressam o movimento e suas nuances.

Carmézia Emiliano (1960)

Premiada pintora *naïf* de Roraima, com quem há um encontro de paletas no uso de verdes e vermelhos, além do poder de síntese nas figuras e na composição dos espaços. Enquanto nas texturas, Carmézia e Silva conversam ainda mais.

Mario Soares (1991)

Artista plástico bocaiuvense, que possui trajetória de formação bem interessante. Vive no ambiente rural até os 18 anos e estuda diferentes áreas: informática, design de moda e, finalmente, artes visuais. Como na obra de Silva, a natureza é valorizada em sua produção.

Fontes: Odécio Visintin Rossafa Garcia e a pintora *naïf* Shila Joaquim



Coleção Odécio Visintin Rossafa Garcia | Foto de Marah Farias



Museu de Arte Primitiva - José Antônio da Silva, São José do Rio Preto - SP

Carreiro na Tempestade, 1983. Óleo sobre tela

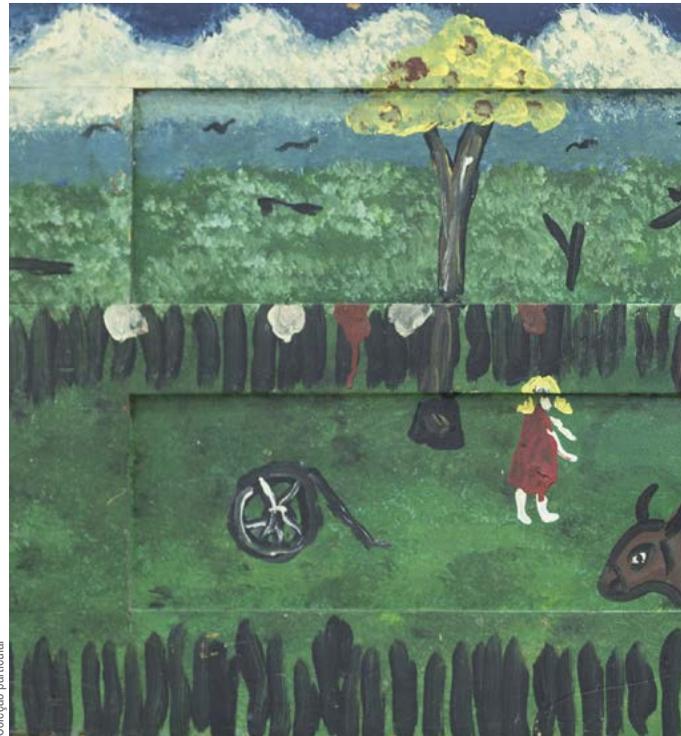
► Municipal de Arte Contemporânea de São José do Rio Preto e sua carreira internacional ganhou mais um capítulo robusto, ao receber uma Sala Especial na 33ª Bienal de Veneza.

Já estabelecido como artista original e conceituado, nos anos 1970 fixou residência em São Paulo. Na década seguinte, é fundado, com obras do artista e do museu que havia inaugurado anos antes, o Museu de Arte Primitivista “José Antonio da Silva” (MAP), em São José do Rio Preto. Morreu em 1996, na capital paulista, que o acolheu.

HERANÇA EM CORES

O curador Odécio Visintin Rossafa destaca que, desde a inserção de Silva no circuito das artes, sua pintura versou sobre os desmatamentos, as lavouras de algodão, as colheitas de café, o mundo das festas rurais e folclóricas. “Um mundo rural na sua essência”, define.

Uma nova realidade se apresenta entre as décadas de 1960 e 1970, com o êxodo rural como fruto do processo de industrialização. Nesse contexto, Silva levou para suas telas um universo pincelado na memória e na saudade. “A vinda do caipira para os grandes centros, as viagens de trens, as músicas saudosas”, afirma Rossafa. “Na pintura e na poesia, a saudade da terra, descrita em palavras e cores.” ■



Coleção particular

Paisagem Rural, 1983. Óleo sobre tela



Coleção Romitido Sant'Anna

Natureza em Escombros, 1954. Óleo sobre tela



Conversa na roça

EXPOSIÇÃO REÚNE OBRAS DE ARTISTAS QUE RETRATAM O AMBIENTE RURAL



Os pintores José Antônio da Silva e Jocelino Soares se conheceram em 1973, em São José do Rio Preto (SP), “quando ele era o diretor e fundador do museu que hoje leva seu nome”, rememora Soares. Ambos dividem o espaço da mostra *Caipirismo – José Antônio da Silva e Jocelino Soares*, com curadoria de Odécio Visintin Rossafa Garcia e Romildo Sant’Anna, no Sesc Bom Retiro.

As obras retratam a origem de ambos os artistas. “Somos do mato, criados na roça, onde a água era tirada da cacimba. Estar ao lado do mestre Silva, para mim, está sendo um grande privilégio”, diz Soares. No acervo, 25 obras de Silva – pinturas que compreendem o período de 1952 a 1990 – dialogam com 22 trabalhos de Soares – pinturas que abraçam os anos de 2010 a 2020.

O nome da exposição joga luz ao estilo de vida que abarca o ambiente rural e as transformações provocadas pelo avanço da vida no ambiente urbano – uma intersecção entre as transformações das cidades e as tradições locais. A mostra também destaca a importância do universo cultural do interior do estado São Paulo, com obras que retratam o trabalho, as religiosidades, festas e paisagens. Seguindo os protocolos de saúde obrigatórios, a exposição está aberta ao público até 31 de janeiro, mediante agendamento pelo site: www.secscsp.org.br/bomretiro.

Bordar além

A PARTIR DO SÉCULO 19, ESSA FORMA DE EXPRESSÃO DESATA ESTEREÓTIPOS E SE AFIRMA COMO LINGUAGEM ARTÍSTICA

Há muito tempo, o bordado deixou de ser uma prática restrita ao universo feminino e a estereótipos utilitários. Ainda no século 19, por exemplo, o movimento da Art Nouveau, surgido na Bélgica, incorporou inovações da época e valorizou um modelo de criação mais industrial, abraçando novos materiais e tecnologias.

É o que explica a professora no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP) Ana Paula Cavalcanti Simioni, curadora da exposição *Transbordar: Transgressões do Bordado na Arte*. A especialista puxa o fio dessa história para contar que os grupos da vanguarda europeia na virada do século 19 para o 20 “procuraram combater as distinções entre belas artes e artes aplicadas”.

Ana Paula aponta um êxito moderado na empreitada, pois tais grupos não lograram impor seus discursos de modo hegemônico. O sistema artístico manteve-se, até os anos 1960, ainda bastante caudatário da noção de que arte equivale a modalidades mais tradicionais, como a pintura, escultura, desenho, gravura. A pesquisadora acrescenta ainda que tais hierarquias não atingiam apenas a estética, sendo “atravessadas por clivagens outras, como as de gênero e de classe social”. É o caso das diferenças tradicionalmente impostas pelo sistema entre artista e artesão, e da posição social atribuída às mulheres artistas, “posto que muitos dos objetos decorativos estavam associados a uma manufatura doméstica e feminina”. Essa visão alterou-se ao longo do século 20.

O BOM COMBATE

No bordado, é comum ver grupos de mulheres reunidas criando, simbolizando uma forma coletiva e, por vezes, combativa de utilizá-lo. Um marco é a série *Bastidores* (1997), de Rosana Paulino (leia [Depoimento da artista](#)), produzida a partir do xerox de fotos de mulheres negras reproduzidas de álbuns de família para o tecido. Os olhos e bocas das imagens são costurados

rispidamente, aludindo à violência sofrida pelas mulheres. “Tem-se agora um componente atento à dimensão política do gênero como percepção desigual dos corpos sexuados daqueles que fazem arte e articulam as modalidades artísticas”, afirma Ana.

A curadora associa essa luta por direitos à pesquisa que deu origem à mostra *Transbordar*. “Cada obra e artista nessa exposição traz um combate”, acrescenta. outra dimensão dessa trama vertida em obras de arte pode ser a racial, marcada em memórias individuais e coletivas. “Elas estão presentes em artistas, dimensões invisibilizadas em populações brasileiras, presentes na exposição. Dar a ver é, também, uma forma de combate”, completa. ■

SEM DAR NÓ

Exposição traz a diversidade estética e temática da arte das agulhas e fios

Anna Bella Geiger, Beth Moysés, Bispo do Rosário, Nino Cais, Rosana Paulino e Zuzu Angel são alguns dos 39 artistas que compartilham o recurso do bordado em *Transbordar: Transgressões do Bordado na Arte*, sob curadoria de Ana Paula Cavalcanti Simioni, professora no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP).

O conjunto das obras oferece um recorte sobre o lugar do bordado na arte dos séculos 20 e 21: “Vemos artistas mulheres subvertendo a noção de delicadeza, ornamento e passividade atrelada às artes vistas como “femininas”. Como exemplos, a curadora cita Rosana Palazyan e Beth Moysés.

Em contraste com a ideia tradicional de virilidade, “as [obras] de Fábio Carvalho, por exemplo, materializam objetos da cultura masculina – armas, feitas com materialidades delicadas como as rendas – e proporcionam uma dissociação rica, que, espero, promova reflexão e curiosidade no público”. Seguindo os protocolos sanitários obrigatórios, a exposição no Sesc Pinheiros tem visitação gratuita até 8 de maio, mediante agendamento no site www.sescsp.org.br/pinheiros.



Fábio Carvalho. *Bai Feliz Buando*, no *Bico dum Passarinho* nº 6, série *Portugal – Lenços de Namorados*, 2012. Bordado à mão sobre reprodução fotográfica montada em tela, renda, passamanaria e apliques industriais

Foto: Edgar César | © Miguel Macielina, Ana Lucia/AUTV/S - Brasil 2020

Ana Miguel.
Para Sempre Meus, 2000.
Tecido, crochê, botões
de caftan e pluma sintética







Lia Menna Barreto.
Beijo Azul, 2013.
Organza de seda pura e plástico

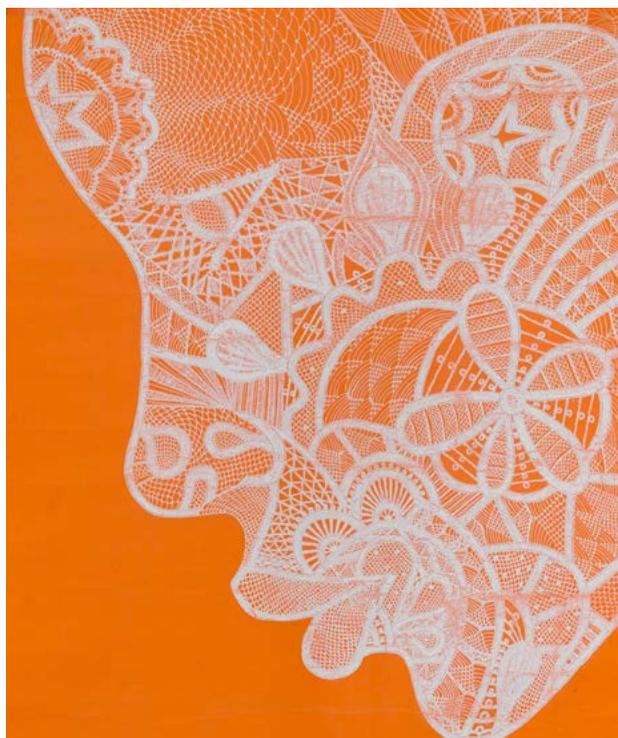


Cortesia da artista

PROCURO
ESTUDAR O ESPAÇO
SIMBÓLICO-SOCIAL
ONDE A POPULAÇÃO
NEGRA FOI INSERIDA –
PRINCIPALMENTE
A MULHER NEGRA

Rosana Paulino

Rosana Paulino.
Sem Título, série *Bastidores*, 1997.
Imagem transferida sobre tecido e
bordado, bastidor e linha de costura



Jucélia da Silva.
Cabeças, 2017.
Desenho inspirado na
renda renascença

Alta Pignoso

Cortesia da artista

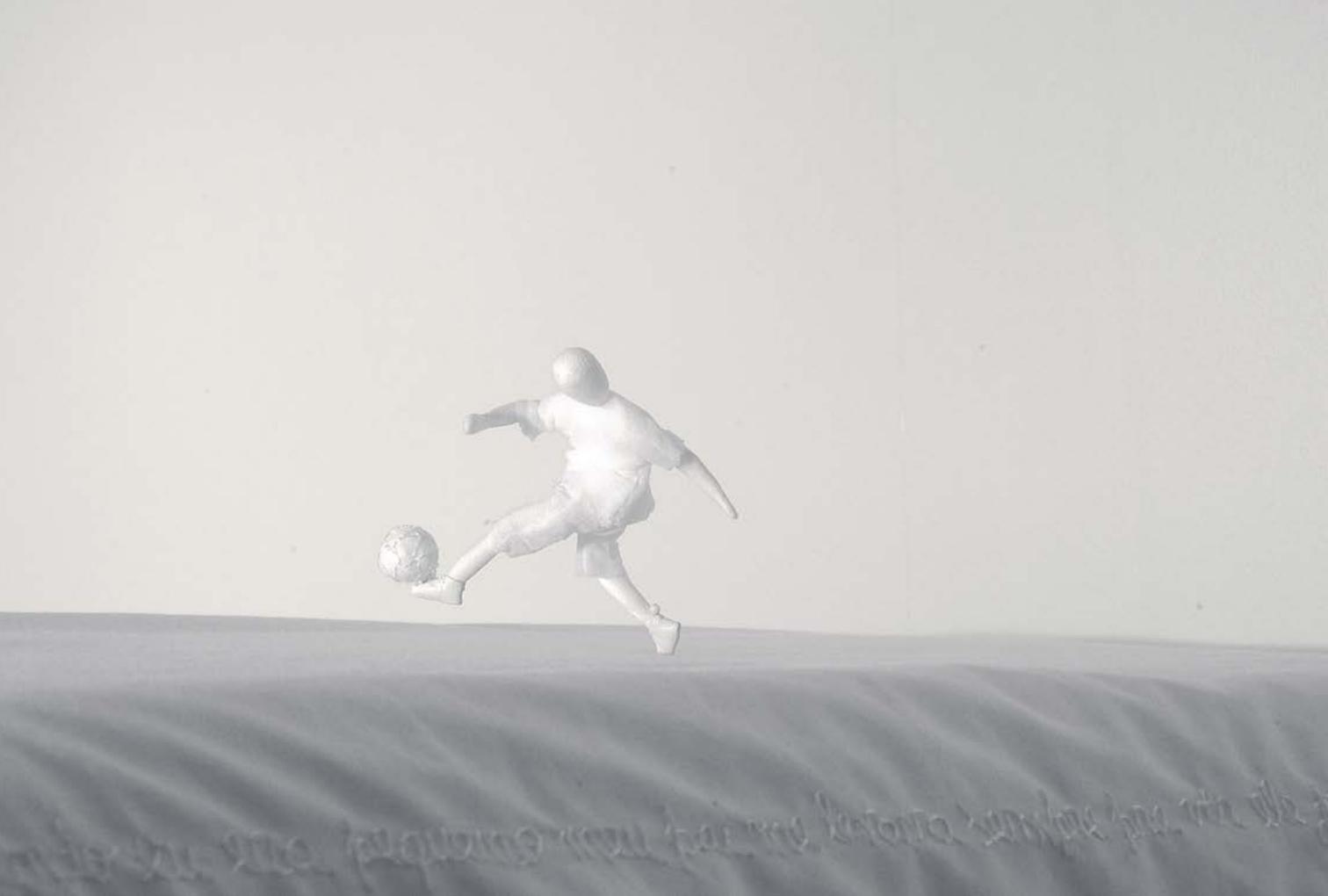


Pola Fernandez.
Sem Título, série *Odete*, 2019.
Bordado sobre fotografia

Leticia Parente
(1930-1991).
Marca Registrada, 1975.
Frame do vídeo



Cortesia da família da artista e Galeria Jacqueline Martins



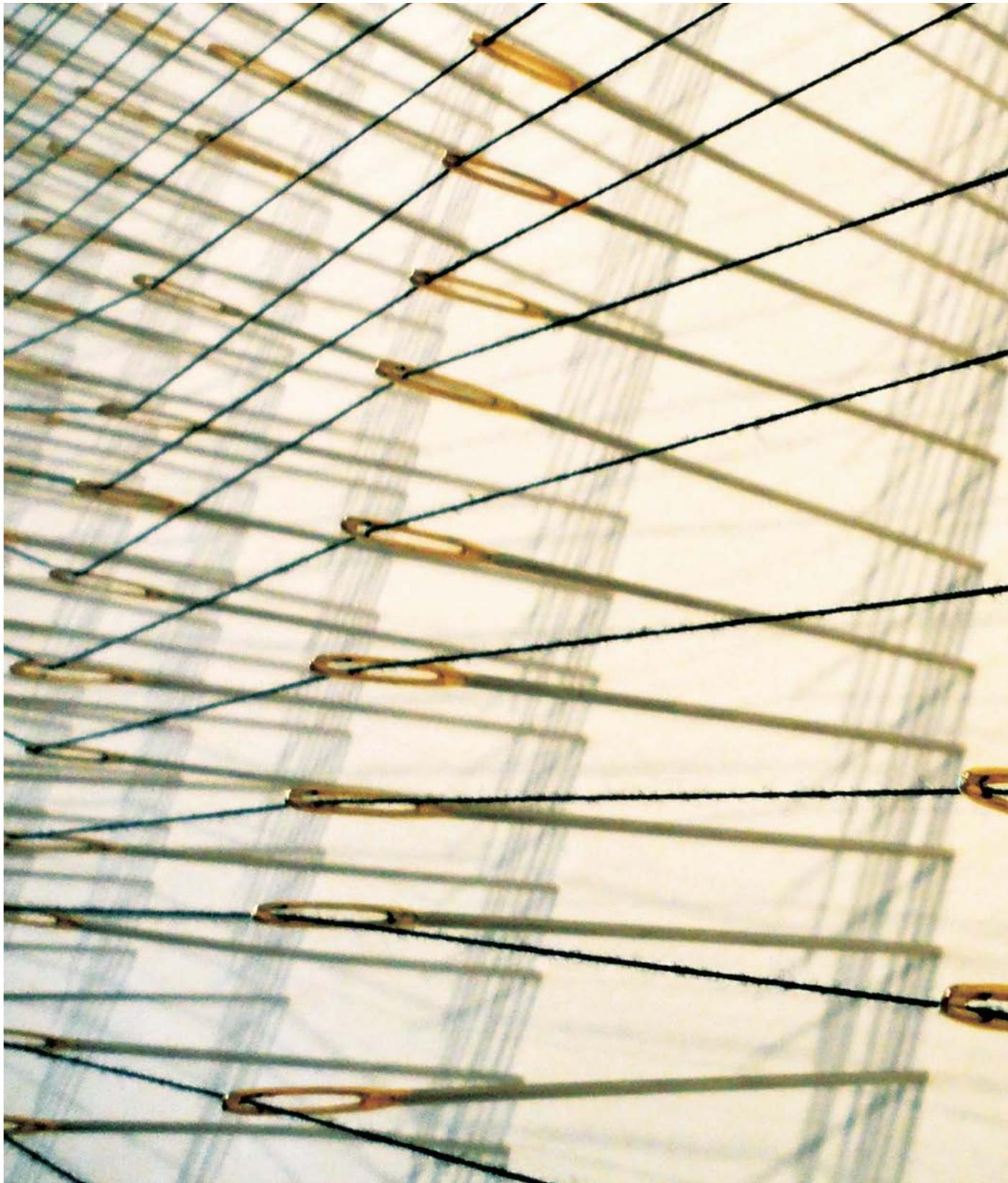
Rosana Palazyan. ... nunca mais quis saber de futebol, de mais nada..., 2006.
Da série ... uma história que você nunca esqueceu?, 2006/2007. Bordado e objeto
(poliamida, algodão, curvim e arame) sobre travesseiro

Cortesia da artista



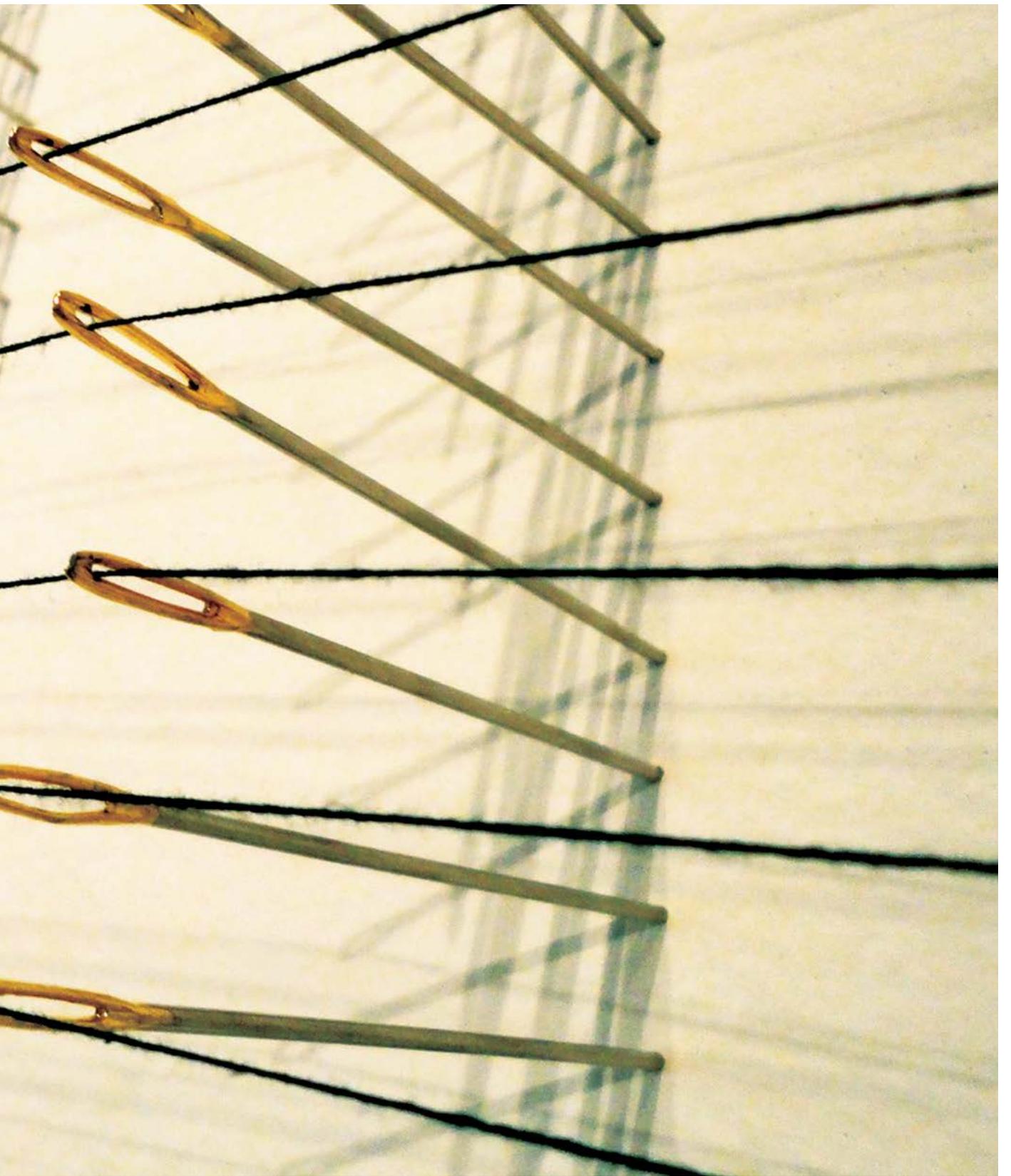
Autora Desconhecida.
Centro de Detención, 1973-1989.
Arpillera

Cortesia Fondo Fundación Solidaridad. Colección Museo de la Memoria y los Derechos Humanos



Katia Kuwabara

Edith Derdyk. *Sopro*, 2020. Linha e agulha. Instalação *site specific*. Sesc Pinheiros





Isabella Matheus

Nino Cais. *Alegoria*, 2015. Tecidos. Coleção da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Doação do artista, por intermédio da Associação Pinacoteca Arte e Cultura – APAC, em processo



Beth Moysés.
Maria, 1995.
Tecido e madeira



Fábio Carvalho.
Fado Indesejado, 2013/2016.
Xale industrial bordado à mão



Niobe Xandó. *Toalha VII*, 1987-1993.
Tinta acrílica sobre linha. Coleção da
Pinacoteca do Estado de São Paulo.
Doação de Maria de Lourdes
Ribeiro Rosa, 2007

Coleção do artista | Foto: Lucas Calzavara

Rodrigo Mogiz. *Alfineteiro Nu*, 2016.
Bordado sobre tecido, pedraria,
alfinetes, feltro e espuma





Rosângela Rennó. *O Profeta da Negociação*, 2008. Bordado e ampliação sobre papel fotográfico



Coleção da Pinacoteca do Estado de São Paulo | Doação de Jones Bergamin, Alessandra D'Aloia, Ângela e Ricard Akagawa Maguy e Jean Marc Etlin, Carolina e Benjamin Steinbruch, Liane e Roberto Bielawski, Teresa e Candido Bracher, Susana e Ricardo Steinbruch, Eliana Finkelstein, Mônica e Eduardo Vassimon e Luisa Strina, 2010 | Foto Isabella Matheus



Acervo Sesc - Leandro Saadi

Novos TEMPOS

CONSTRUÇÕES QUE VISAM À
REDUÇÃO DE IMPACTOS NO
AMBIENTE E CONFORTO DE
SEUS USUÁRIOS AJUDAM NA
FORMAÇÃO DE UMA CIDADE
MAIS SUSTENTÁVEL

Para uma pessoa, dez anos pode parecer muito tempo, mas e para o mundo todo? Aí a coisa muda de figura, certo?

Pois bem, o mundo tem apenas a próxima década para atingir algumas metas bem desafiadoras: erradicar a pobreza e a fome, prover água potável, saneamento e energia limpa, proporcionar educação, saúde e bem-estar para todos os habitantes do planeta. Esses são alguns dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), definidos pela Organização das Nações Unidas (ONU) e assumidos pelo Brasil e por outros 192 países. Uma lista de tarefas a ser cumprida “pelos governos, sociedade civil, setor privado e todos os cidadãos na jornada coletiva para um 2030 sustentável”, registra a ONU. Dentre esses objetivos, encontra-se a importância das cidades sustentáveis, das quais edificações públicas em consonância com os cuidados com o ambiente e seus usuários devem fazer parte.



No Sesc Birigui, de 9.500 m² de terreno, 4.500 m² são de área verde. Ainda foi incorporada ao projeto da unidade uma cobertura verde que tem, entre outras funções, a de reduzir o impacto da chuva na bacia hidrográfica da região



Acervo Sesc - Leandro Saadi

“A gente pode ter uma cidade com transporte coletivo, usos mistos, mas os edifícios não serem inteligentes, serem aquecidos com energia vinda do petróleo, por exemplo. E vice-versa: ter edifícios totalmente sustentáveis, com reúso de água, geração própria de energia, neutros em carbono, mas, se as pessoas precisam se deslocar três horas de carro para chegar à cidade, ela não é sustentável”, exemplifica o urbanista Renato Cymbalista, pesquisador e professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) e diretor-presidente do Instituto Pólis – organização não governamental que

1980

Início da estação de tratamento do Centro de Férias em Bertioxa. A unidade foi inaugurado em 1948 e ocupa uma área de aproximadamente 450 mil m², além de outros terrenos que possuem área de mata atlântica conservada e que no total somam cerca de 2 milhões de metros quadrados, todas localizadas entre o mar e o Parque Estadual da Serra do Mar, formando um importante corredor biológico.

desenvolve estudos a respeito de cidades sustentáveis e democráticas.

Ainda que a legislação brasileira careça de avanços e aprofundamentos para atingir a meta de cidades sustentáveis, prédios contemporâneos têm, cada vez mais, incorporado mudanças em busca de escolhas que priorizem tanto a sustentabilidade quanto a acessibilidade, principalmente nas metrópoles.

MUDANÇAS CONCRETAS

Afinal, o que são os chamados “prédios verdes”? Para começar, são vários os aspectos que definem esse tipo de espaço. O arquiteto e urbanista Rafael Lazzarini destaca, por exemplo, a redução de impactos no meio ambiente e no entorno onde o edifício é erguido. Também é levada em conta a preocupação com quem irá ocupá-lo ou frequentá-lo. “Outros fatores são: localização do prédio, acesso de seus usuários ao transporte público e serviços locais, aspectos que geram menos impacto ambiental; necessidade de minimizar os impactos da obra, como a saída de sedimentos, poeira, e outras questões associadas aos materiais de construção. Somam-se ainda eficiência energética e hídrica, sendo que, neste último caso, deve haver um sistema de economia, captação e reaproveitamento de água. O prédio ▶

1992

Na época da inauguração do **Sesc Itaquera**, na Zona Leste de São Paulo, a região carecia de infraestrutura básica e a unidade teria disponível a vazão de água potável igual à de uma residência. No entanto, o projeto previa, em seus aproximados 40 mil m² de área construída, um parque aquático. Para diminuir a quantidade de água utilizada, foram instaladas torneiras com arejadores e com vazão controlada; chuveiros com temperatura pré-ajustada e acionados por válvulas no piso; caixas acopladas de vazão reduzida para os vasos sanitários. Resultado: diminuição de cerca de 65% do consumo de água.

No **Sesc Vila Mariana**, o excedente do calor dos sistemas de ar condicionado central passou a ser utilizado para o aquecimento da água da piscina. Com isso, quando o sistema de ar condicionado é mais exigido, ocorre a autossuficiência desse processo em relação ao consumo de energia elétrica.



Acervo Sesc - Daniel Ducci



Acervo Sesc - Gustavo Basso



Acervo Sesc - Marco Antônio

2000

Inauguração do **Sesc Araraquara**, primeira unidade a utilizar o sistema de aquecimento de água por energia solar.

2004

As unidades do Sesc passam a adotar o reúso de água pluvial e de drenagem para utilização nas válvulas de descarga dos vasos e mictórios, nas torneiras das áreas externas e da garagem, nas torres de resfriamento do sistema de ar condicionado e também na irrigação dos jardins. A mesma medida começa a ser adotada em novos projetos.



Acervo Sesc - Alexandre Nunes

2012

Inauguração do **Sesc Sorocaba**, primeira unidade certificada pelo Sistema LEED, na categoria Gold. Entre os critérios observados estão: a escolha do terreno, a eficiência de utilização da água e da energia, a qualidade do ambiente interno, processo e inovações do projeto. Destaque para o sistema de tratamento de águas pluviais, que, por meio do escoamento em tanques, com plantas aquáticas e peixes, permite a filtração necessária ao reúso nas descargas, lavagem de pisos e irrigação. Há ainda a interligação da ciclofaixa municipal às áreas de paraciclo da unidade.

2017

Sesc Birigui recebe a certificação LEED, selo Gold, e Procel Edifica.



2018

Sesc Avenida Paulista recebe a certificação LEED, selo Silver, e Procel Edifica.

- ▶ também precisa oferecer conforto acústico e térmico para a saúde e produtividade de seus ocupantes”, explica Lazzarini, especialista em sustentabilidade na construção civil e certificações Green Building.

Nesse cenário, há apenas 14 anos o conceito de sustentabilidade saiu do papel para ser incorporado por construções que visavam a certificações na área. “É de 2006 o primeiro registro de um prédio buscando certificação”, ressalta. Atualmente, o Brasil ocupa o quinto lugar em número de certificações de sustentabilidade LEED, atrás de países como Estados Unidos, China, Índia e Canadá. No país, São Paulo sai na frente.

“As certificações vieram por uma demanda de mercado por prédios sustentáveis, mais do que por uma exigência e incentivo do poder público em termos de beneficiar essas práticas com incentivos fiscais”, explica Lazzarini, que é diretor da Unidade Sustentabilidade do Centro

de Tecnologia em Edificações (CTE). Entre as diversas certificações, o especialista explica que o Procel Edifica virou obrigatório para edifícios públicos, mas é voltado apenas para a questão energética. “Enquanto o LEED e o AQUA respondem a vários aspectos importantes, no entanto, são voluntários. Ou seja, não surgiram por uma questão de legislação e sim por uma questão de mercado, para evitar o *greenwash*, o ato de ‘pintar de verde por fora’, algo que acontecia”, conta.

Por enquanto, não há obrigações legais que demandem construções sustentáveis. Mas esse contexto poderia mudar, acredita Lazzarini, “se houvesse uma legislação e um aumento de incentivos públicos, além de uma percepção do usuário em relação aos benefícios desse tipo de obra – tanto para o meio ambiente quanto para a saúde, bem-estar e produtividade”, acrescenta. ■



Acervo Sesc - Ricardo Ferreira

2019

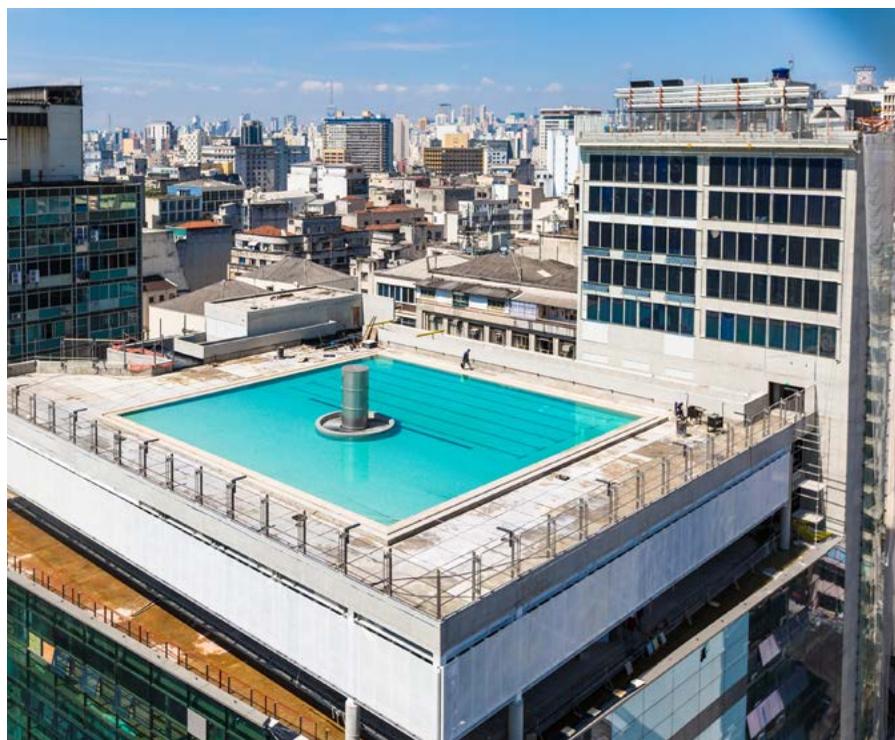
Inaugurado o **Sesc Guarulhos**, primeira unidade onde todo o esgoto gerado passa por um processo interno, em estação de tratamento. Depois disso, ele segue para a rede pública de coleta, facilitando o tratamento final. A água da chuva é captada no teto do edifício e, após tratamento, é utilizada no sistema de irrigação dos jardins, nos vasos sanitários e mictórios. Para colaborar com a absorção de água no terreno, foram instalados “jardins de chuva” que reduzem o volume enviado ao sistema público de coleta de água pluvial.

2020

O Sesc 24 de Maio

recebeu o prêmio *International Urban Project Award (IUPA) 2020*. Projeto de Paulo Mendes Rocha e do escritório MMBB Arquitetos, a unidade é reconhecida pelo seu desenho e pela importância da atuação no Centro da capital paulista.

O projeto da futura Central de Compostagem do **Sesc Bertogã** ficou em primeiro lugar no prêmio Instituto Brasileiro da Madeira e das Estruturas de Madeira (Ibramem) de Arquitetura em Madeira 2020, na categoria Profissional – Projetos. O projeto foi realizado pelo escritório NPC Grupo de Arquitetura.



Acervo Sesc - Alexandre Nunis

EM BREVE

As unidades em construção em **Franca** e **Marília** estão sendo planejadas seguindo as exigências para obtenção do selo LEED. Outras novas unidades em fase de projeto também estão sendo habilitadas para receber a certificação: **Sesc Parque Dom Pedro II** e **Sesc Limeira** (LEED); **Sesc Osasco** (já recebeu o certificado para a etapa de projeto), **Sesc São Bernardo do Campo** e **Sesc Pirituba** (AQUA-HQE).

De ponta a ponta

SUSTENTABILIDADE ENGLOBAL DESDE PROJETO, CONSTRUÇÃO E ADAPTAÇÃO DOS EDIFÍCIOS ATÉ AÇÕES EDUCATIVAS



Antes mesmo dos primeiros sistemas internacionais de certificação e da criação de selos nacionais, o Sesc São Paulo já se preocupava com a adaptação e construção de suas unidades na capital, litoral e interior do estado, visando à acessibilidade universal, bem como à redução de consumo de água e de energia elétrica. A sustentabilidade deve ser entendida em suas três dimensões: ambiental, social e econômica. E, como ação transversal, ela precisa estar presente nas ações programáticas, no consumo de bens e serviços, nos processos, nas práticas das equipes e na manutenção e expansão da rede física da instituição.

No que se refere à arquitetura e à engenharia nas obras de construção e reforma, nos trabalhos de conservação e manutenção das unidades, o conceito de arquitetura de baixo impacto ambiental leva em consideração toda uma cadeia. Começa na manufatura básica até as condições de transporte, passando pelos resíduos decorrentes dos processos de aplicação e seu destino, e pelas condições que vão envolver eventuais reformas e até mesmo uma demolição.

“Todas as ações desenvolvidas com as certificações, como a escolha de materiais perenes e de baixo custo de manutenção, além de sistemas racionais para o uso de energia, água e gás, nos permitem pensar principalmente em uma operação eficiente da futura unidade. Importante ressaltar o conseqüente caráter sustentável na operação, sendo ainda maior período do ciclo de uma edificação”, explica Marcelo Fanchini, gerente da Gerência de Engenharia e Infraestrutura do Sesc São Paulo.

Desde 2012, todas as novas unidades do Sesc São Paulo tiveram seus projetos desenvolvidos com o apoio de consultoria para certificação ambiental (LEED ou AQUA) e de eficiência energética (Procel Edifica). No entanto, a sustentabilidade nas edificações do Sesc não está restrita aos sistemas prediais implantados. Ela também está no desenho da paisagem, nas áreas verdes cultivadas e preservadas, a exemplo do que ocorre na unidade do Sesc Interlagos, inaugurada em 1975, privilegiando espécies nativas e promovendo a restauração do bioma, bem como a qualidade do ambiente local, com programas de gestão de resíduos, a exemplo do *Lixo: Menos é Mais*, e nas ações educativas com o público.

“Entendemos nossas instalações como espaços educadores, isto é, estruturados para servirem como modelos de sustentabilidade, pela relação equilibrada com o ambiente, com a comunidade, e pela busca da qualidade de vida”, explica o engenheiro Luciano Ranieri, consultor da Assessoria Técnica de Planejamento (ATP) do Sesc São Paulo.

Saiba mais no portal do Sesc São Paulo: www.sescsp.org.br.

No Brasil

663 PROJETOS TÊM CERTIFICADO LEED

1.560 PROJETOS ESTÃO EM PROCESSO DE CERTIFICAÇÃO LEED

Fonte: Centro de Tecnologia em Edificações - CTE / Números referentes ao período de 2006 a 2020

CONHEÇA ALGUNS DOS TERMOS USADOS EM EDIFICAÇÕES SUSTENTÁVEIS

LEED

Os empreendimentos que buscam o sistema internacional de certificação *Leadership in Energy and Environmental Design* são avaliados nas categorias Localização e Transporte, Terrenos Sustentáveis, Eficiência Hídrica, Energia e Atmosfera, Materiais e Recursos, entre outras. Para isso, os proponentes são analisados por oito dimensões: todas possuem pré-requisitos (práticas obrigatórias) e créditos (recomendações) que, à medida que forem atendidos, garantem pontos. O nível da certificação (Certified, Silver, Gold e Platinum) é definido conforme a quantidade de pontos adquiridos.



AQUA

O Processo AQUA-HQE (Alta Qualidade Ambiental) é uma certificação internacional da construção sustentável. Além do estabelecimento de um sistema de gestão específico para o empreendimento, o empreendedor deve realizar a avaliação da qualidade ambiental do edifício em pelo menos três fases (construção nova e renovações): Pré-Projeto, Projeto e Execução; e na fase pré-projeto da Operação e Uso e fases Operação e Uso periódicos (edifício em operação e uso).

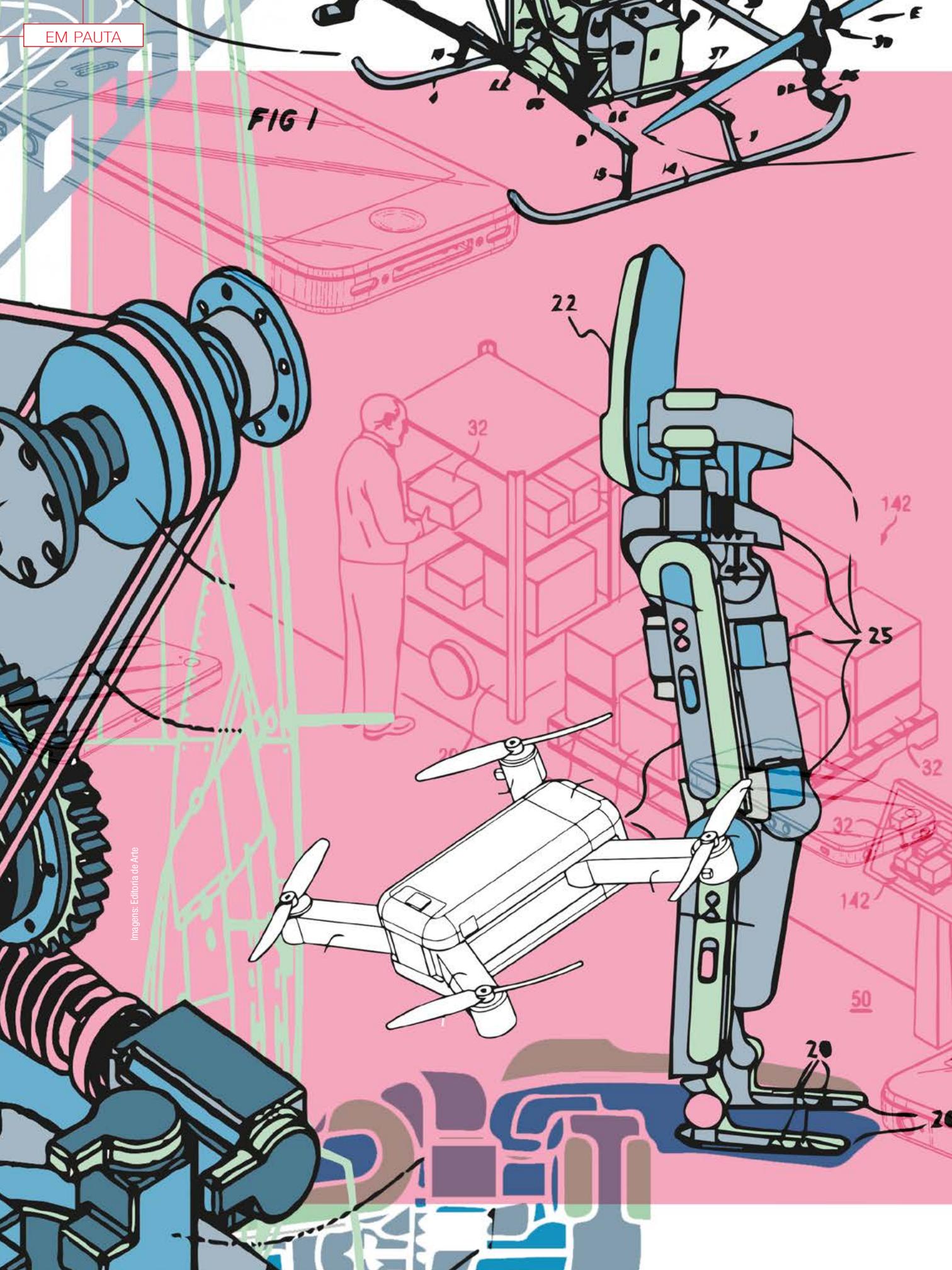


PROCEL EDIFICA

O Programa Nacional de Eficiência Energética em Edificações foi instituído em 2003 pela Eletrobras/Procel e atua de forma conjunta com o Ministério de Minas e Energia, o Ministério das Cidades, as universidades, os centros de pesquisa e entidades das áreas governamental, tecnológica, econômica e de desenvolvimento, além do setor da construção civil. O Procel promove o uso racional da energia elétrica em edificações desde sua fundação, com o objetivo de incentivar a conservação e o uso eficiente dos recursos naturais (água, luz, ventilação etc.) nas edificações, reduzindo os desperdícios e os impactos sobre o ambiente.



FIG 1



Imagens: Editora da Arte

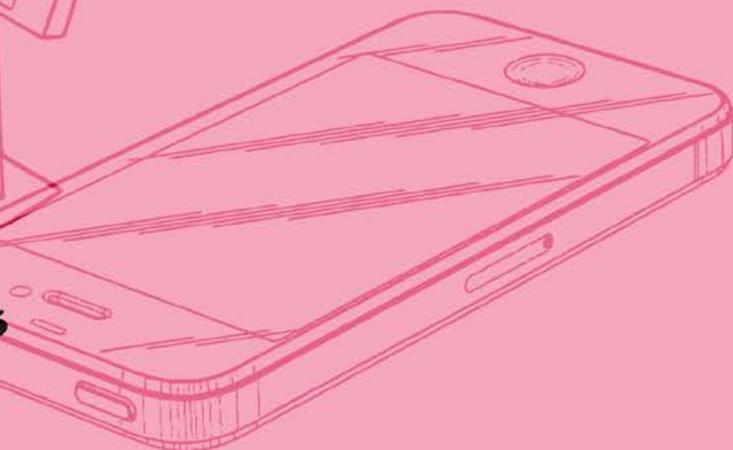
A reinvenção do trabalho

Um dos maiores desafios enfrentados pela população brasileira, o desemprego foi agravado em 2020 em razão da pandemia. No entanto, mesmo antes do atual cenário, o avanço da tecnologia, robôs e inteligência artificial já apontavam para a necessidade de mudanças principalmente na área da educação e na formação de novos trabalhadores. “Para Wolfgang Streeck, um dos mais importantes sociólogos alemães, enquanto no século 20 vivemos a era da *mecanização*, daqui para a frente vai predominar a *eletronização*, ou seja, a era em que os equipamentos passam a contar com inteligência”, alerta o professor de Economia da Universidade de São Paulo (USP) Paulo Feldmann. O que resultaria, segundo o sociólogo Fausto Augusto Junior, diretor técnico do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), e a economista Patrícia Lino Costa, supervisora da produção do Dieese, numa acelerada substituição de trabalhadores por soluções digitais, sendo que para aqueles de baixa renda sobram cada vez menos opções de trabalho de qualidade. Então, o que é preciso ser feito para que profissões sejam adaptadas e criadas neste novo contexto? Que perspectivas podem ser traçadas ao olharmos para o presente e pensarmos no futuro? Sobre o tema, Junior, Costa e Feldmann tecem suas reflexões.

94a

94n

300



O impacto da Quarta Revolução Industrial sobre o mercado de trabalho

PAULO FELDMANN

Novas tecnologias que fazem parte do que se denomina, na forma abreviada, “Indústria 4.0” estão promovendo uma transformação enorme nos métodos de produção e poderão, sim, provocar uma devastação no mercado de trabalho e nos empregos. Fala-se de robôs, inteligência artificial, drones e de impressoras 3D há muitos anos, mas seu custo era alto e por isso quase impossível sua aquisição para a grande maioria das empresas. Cerca de três anos para cá, isso mudou completamente, sendo que só em 2019 foram vendidos 920 mil robôs no mundo. Esses produtos ficaram mais sofisticados, com seus preços mais baixos e com isso começam a proliferar por todo o globo, mais ou menos como aconteceu com computadores e celulares no final do século 20. A principal consequência do barateamento do preço dos robôs e desses outros equipamentos é que a mão de obra barata está deixando de ser algo atraente para as grandes multinacionais, e elas estão preferindo produzir nos países onde estão suas matrizes e sedes em vez de saírem pelo mundo buscando aquele fator de produção.

Ameaças de que as máquinas iriam eliminar empregos e gerar o caos existem há mais de 200 anos. Mas elas nunca se concretizaram porque sempre foi possível descobrir novas atividades, ou então criar setores de tal forma que novas profissões apareceram e empregos proliferaram. Mesmo com o advento da tecnologia da informação há cerca de 50 anos, o temor que se tinha em relação ao desemprego, causado pelo computador ou pela automação, logo se dissipou e uma enormidade de novas profissões surgiram, desde os programadores de computador até os “web designers”, só para citar algumas.

Por que agora será diferente? A resposta está no fato de que, com a inteligência artificial, o ser humano perde o monopólio da capacidade cognitiva. Ou seja, até pouco tempo, as máquinas

e computadores apenas conseguiam desempenhar atividades repetitivas e substituir o trabalho braçal. Daqui para a frente, atividades que requerem raciocínio lógico, capacidade de decisão e inteligência poderão ser desempenhadas por robôs ou computadores dotados de inteligência artificial. Para Wolfgang Streeck, um dos mais importantes sociólogos alemães, enquanto no século 20 vivemos a era da *mecanização*, daqui para a frente vai predominar a *eletronização*, ou seja, a era em que os equipamentos passam a contar com inteligência.

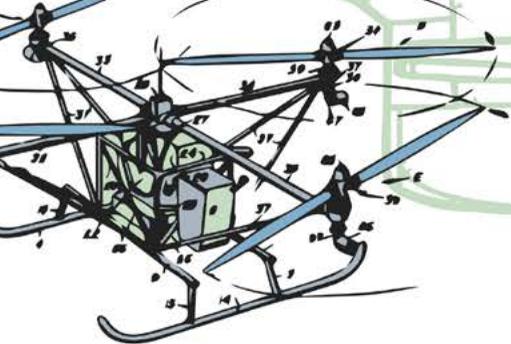
Assim a ameaça de desemprego agora recai sobre profissões que se julgavam impossíveis de serem substituídas, como a de médico ou de advogado. A IBM lançou um robô, chamado Watson, que consegue ler, analisar e emitir laudo para mil tomografias em 50 minutos com a mesma margem de erro que 15 médicos levariam quatro dias para fazer.

Economistas têm procurado calcular o tamanho do impacto dessa revolução em curso. Larry Summers, ex-secretário do Tesouro dos Estados Unidos e ex-presidente da Universidade Harvard, chama a atenção para uma grande diferença entre a automatização de agora e aquela promovida nos anos 1960 e 1970. Naquelas décadas, a intensa modernização da maioria dos setores afetou 5% dos empregos. Desta vez, segundo cálculos de Summers, as novas tecnologias sacrificarão algo entre 15% e 20% dos postos de trabalho.

São estimativas modestas se comparadas com as dos economistas Michael Osborne e Carl Frey, ambos da Universidade de Oxford, no Reino Unido. Em um já célebre estudo de 2013, e confirmado em 2018, eles afirmaram que, até 2030, cerca de 45% dos empregos americanos poderão ser eliminados.

SUBSTITUIÇÃO X GERAÇÃO

Outra variável é a frustração das expectativas quanto à substituição e geração de novos empregos. Imaginava-se que a sociedade pós-industrial seria capaz de gerar ocupações em novos setores, sobretudo ligados à área de serviços, para absorver os trabalhadores deslocados da indústria. Essa perspectiva foi descartada; os



equipamentos de ponta são mais utilizados justamente no setor de serviços, onde mais funções estão sendo eliminadas.

Ao mesmo tempo, as ocupações criadas como decorrência dessas tecnologias são em quantidade diminuta. Estudo de 2017 feito no Canadá mostra que, na hipótese mais otimista, os novos empregos não chegarão a 4% do total de postos de trabalho existentes naquele país. Sem contar o fato de que é praticamente impossível prever hoje quais empregos vão surgir nos próximos 40 anos e de que tipo serão.

Para exemplificar este fato, Joel Mokyr, um renomado professor de História da Economia na Universidade Northwestern (EUA), afirmou em entrevista à revista *The Economist* que há 40 anos era completamente impossível que alguém tivesse previsto que profissões como projetista de videogame ou especialista em cibersegurança seriam importantes no nosso tempo.

Além disso uma coisa é certa: é muito pequena a probabilidade de que surjam novas atividades e profissões nas quais a presença de seres humanos seja imprescindível. Robôs, drones e equipamentos de automação mostram-se cada vez mais sofisticados, aptos a desempenhar um número crescente de funções. Ou seja, não se deve apostar que a criação de postos de trabalho não previstos poderá resolver o problema do desemprego.

MEDIDAS DE PROTEÇÃO

Dado que a tendência implicada pela automação é certa e irreversível, a geração de empregos vai cair – não se sabe para qual patamar, mas sem dúvida será uma situação dramática. Portanto, a sociedade precisa agir. Quanto a isso, assim como em relação à ameaça do crescimento sem empregos, a situação termina em paradoxo.

Uma empresa ou um país que resolva frear o desenvolvimento tecnológico para evitar uma possível catástrofe – tanto quanto para evitar a extinção de postos de trabalho – acabará perdendo competitividade nacional e internacional. Como consequência, esse país se verá às voltas com o desemprego, pois não terá

interrompido a escalada tecnológica de outras empresas em outros países.

O fato é que muitos países estão discutindo a fundo todas essas questões, e alguns, como a Dinamarca e a Finlândia, já implementaram medidas de proteção às pessoas que estão perdendo seus empregos. São muitas as medidas possíveis, mas a que parece estar se consolidando como a principal é a renda básica. Ou seja, o Estado garante uma renda mínima para o cidadão que perdeu seu emprego para uma máquina ou robô.

ROBÔS, DRONES
E EQUIPAMENTOS
DE AUTOMAÇÃO
MOSTRAM-SE
CADA VEZ MAIS
SOFISTICADOS, APTOS
A DESEMPENHAR UM
NÚMERO CRESCENTE
DE FUNÇÕES

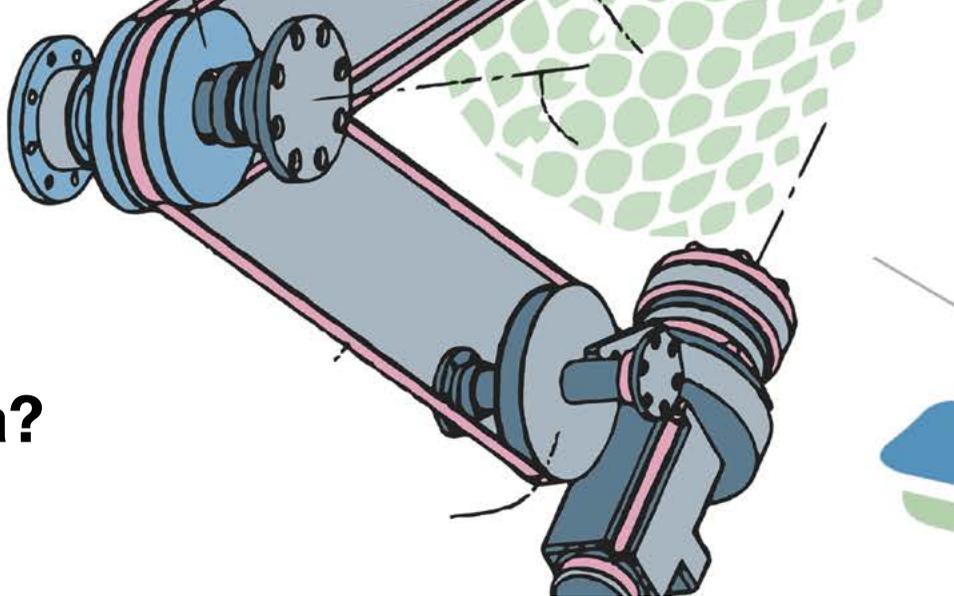
A situação do Brasil é pior que a média dos países porque já atravessávamos uma situação de desemprego muito alto antes da Covid-19 e a expectativa, agora, é que, quando a situação voltar ao normal, os empregos não voltarão. Isto porque com o preço dos robôs e equipamentos em queda, as empresas vão preferir adquiri-los e colocá-los em funcionamento, pois será mais competitivo e conveniente que contratar seres humanos.

Diante de todo esse cenário delicado, o pior que pode acontecer para um país é não discutir o assunto inteligência artificial. E infelizmente isso é o que acontece hoje no Brasil. ■

PAULO FELDMANN é professor de Economia da Universidade de São Paulo (USP), professor visitante da Pécs University (Hungria) e pesquisador associado da FUDAN University na China. Autor do livro *Robô: Ruim com Ele, Pior sem Ele* (Trajetória Cultural, 1988). Foi presidente e diretor de várias empresas no Brasil e no exterior.

Uma nova forma de trabalhar na pandemia?

FAUSTO AUGUSTO JUNIOR e
PATRÍCIA LINO COSTA



A pandemia da Covid-19 pegou o Brasil de calças curtas. Com a economia fragilizada, o mercado de trabalho deteriorado e a desigualdade em alta, o país assistiu o vírus se alastrar, pressionando o sistema de saúde e ceifando vidas, obrigando estados e municípios a adotarem o isolamento, piorando a situação econômica.

Sem ainda sair da primeira onda da pandemia e, segundo especialistas, já no início da segunda, o Brasil passa por um dos momentos mais delicados das últimas décadas. Ampliou-se o crescimento dos problemas do mercado de trabalho: milhões perderam emprego e renda, e é impossível prever o que pode vir pela frente.

O mercado de trabalho brasileiro sempre foi difícil, marcado por desigualdades. De um lado, existe uma mão de obra qualificada e protegida e, de outro, trabalhadores na informalidade e sem acesso à proteção legal, que não terão amparo na doença ou direito a se aposentarem na velhice. Também existe extenso leque salarial, que distancia muito aqueles que ganham salários altos dos que ganham menos. E nem sempre a distância se justifica por cargos e funções diferentes.

O anêmico desempenho econômico dos últimos anos agravou esse quadro. Em 2017 e 2018, o PIB (Produto Interno Bruto) cresceu só 1,3%. Em 2019, o resultado conseguiu ser mais fraco: 1,1%. Nos anos anteriores, a performance esteve pior ainda, com quedas de -3,5%, em 2015, e -3,3%, em 2016.

O que grande parte dos brasileiros sentiu na vida e no bolso é que a economia não saiu do lugar e os problemas do mercado de trabalho se

acentuaram, como muitos analistas alertaram. Houve aumento do desemprego e da informalidade – do número de trabalhadores sem carteira, por conta própria e dos subocupados, ou seja, os que trabalham menos do que gostariam e precisam.

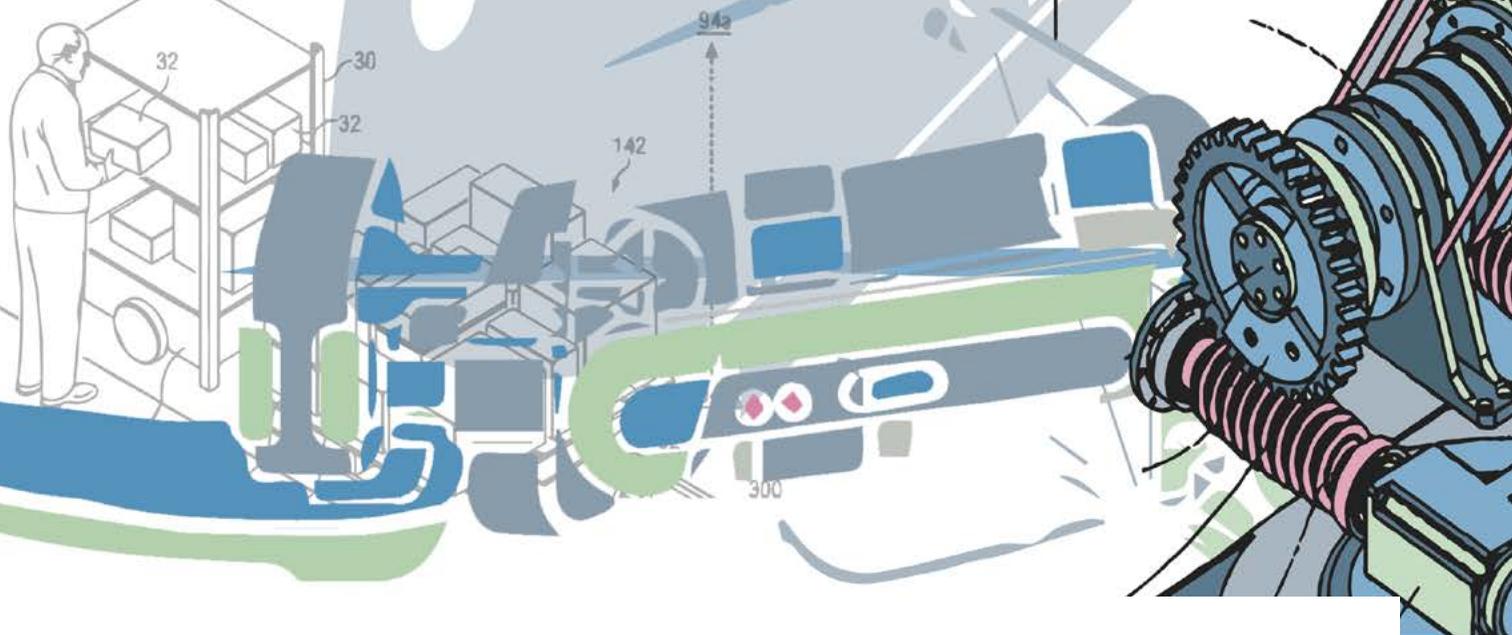
DESEMPREGO NA CRISE DO CORONAVÍRUS

Entre o primeiro e o segundo trimestre de 2020, a economia brasileira teve queda de -9,7%. Foi uma parada brusca. No mercado de trabalho, os números assustam: mais de 8,8 milhões de pessoas perderam suas ocupações e renda: no primeiro trimestre do ano, havia 92 milhões de ocupados e, no segundo, 83,3 milhões.

A taxa de desocupação (desemprego), no entanto, pouco cresceu. Passou de 12,2% a 13,3%. Isso ocorreu por causa do desalento, situação em que o trabalhador desempregado não busca colocação por estar desiludido com o mercado de trabalho, ou, nesse momento específico, por não acreditar ser capaz de achar uma ocupação na pandemia ou pelo medo de sair de casa e se contaminar com a Covid-19.

Entre os que ficaram desempregados, grande parte são homens e mulheres negros, de baixa renda, com ocupação informal e precária. Para eles, o isolamento social trouxe o desespero. Sem reservas, ocupação e queda, ou perda, do já minguado rendimento, tiveram que escolher entre a fome ou sair para buscar trabalho mesmo com o risco de se infectar com o coronavírus.

Como muitos saíram da força de trabalho, a taxa de subutilização (que engloba aqueles que trabalham menos horas do que gostariam, os desempregados e os desalentados) saiu de 12,2% no primeiro trimestre para 13,3% no segundo.



Em média, todos os rendimentos aumentaram entre o quarto trimestre de 2019 e o segundo trimestre de 2020. Os resultados poderiam ser comemorados, mas, na realidade, isso aconteceu apenas porque aqueles com colocações mais frágeis e informais foram os que mais perderam trabalho. Ou seja, os que tinham menor rendimento perderam as ocupações, enquanto aqueles que ganhavam mais permaneceram ocupados e com salário.

HOME OFFICE

Enquanto muitos perderam os postos, outros trabalhadores foram para o *home office*, para fazer de casa as tarefas que executavam no escritório. A pandemia fez crescer a importância da tecnologia para a transformação do trabalho. Há muito se fala que o *smartphone* e o *notebook*, por serem portáteis, poderiam ser levados para casa e que a jornada se estenderia por meio de chamadas e relatórios feitos à distância. Na pandemia houve, para muitos, a necessidade de transformar um canto da casa em escritório e realizar dali o trabalho antes desempenhado na empresa.

Do total de ocupados no Brasil, no segundo trimestre, cerca de 10,4% trabalharam de casa. Desses, 56% eram mulheres, 66% brancos e, a maioria, 74%, tinha ensino superior. A maior parte também, 74%, que estava em *home office* possuía casa própria e 32% ganhavam mais de três salários mínimos. Mas, apesar de manterem os empregos, esses trabalhadores foram expostos a jornadas bastante extensas, sem espaço adequado e mobiliário ergonômico. Para as mulheres, principalmente, houve confusão

A PANDEMIA FEZ CRESCER A IMPORTÂNCIA DA TECNOLOGIA PARA A TRANSFORMAÇÃO DO TRABALHO

entre afazeres domésticos e trabalho profissional, sobretudo com filhos em casa por causa da suspensão das aulas.

SOLUÇÕES DIGITAIS

A Covid-19 antecipou e acentuou mudanças no mercado de trabalho. O *home office*, sustentado pela tecnologia, parece ter vindo para ficar. Muitas empresas já se desfizeram de espaços físicos visando reduzir custos. A chamada economia de plataformas ganhou força com o e-commerce e as entregas por aplicativos.

Inovações tecnológicas aceleram a substituição de trabalhadores por soluções digitais. Para aqueles de baixa renda, sobram cada vez menos opções de trabalho de qualidade, como o serviço doméstico e as entregas por meio dos aplicativos. A pandemia explicitou e delineou um pouco mais as desigualdades do mercado de trabalho brasileiro. ■

FAUSTO AUGUSTO JUNIOR é sociólogo, doutor pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), e diretor técnico do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese).

PATRÍCIA LINO COSTA é economista, mestre em economia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e supervisora da produção do Dieese.



Paulo Barboza

FERNANDO SAMPAIO
esteve presente
na reunião
virtual do
Conselho
Editorial da
Revista E no dia
20 de novembro
de 2020

Meu mundo, o picadeiro

UM DOS FUNDADORES DO LA MÍNIMA E DO CIRCO ZANNI FALA SOBRE RESILIÊNCIA E DESAFIOS DA ARTE DE ABRIR SORRISOS EM ADULTOS E CRIANÇAS

Graduado em administração de empresas, Fernando Sampaio engavetou o diploma para vestir outra profissão: a de palhaço. À revelia da família, no final da década de 1980, decidiu que seguiria um caminho de encantamento, acrobacias, risos e desafios, do qual aos 55 anos de idade se sente orgulhoso. Desde 1989, fosse nos parques e praças, nas salas de teatro ou no circo, o artista criou e participou de diversos espetáculos com diferentes companhias, como Nau de Ícaros e Pia Fraus. Até que, em 1997, fundou a Cia. La Mínima, ao lado do ator e parceiro Domingos Montagner (1962-2016), com quem também criou o Circo Zanni em 2004. Após meses de fechamento por causa da pandemia, em novembro passado, o circo pôde armar a lona. Foi no Sesc Parque Dom Pedro II que o picadeiro um pouquinho diferente (obedecendo aos protocolos de segurança e saúde) se formou. Entre prêmios recebidos ao longo da carreira e inúmeros alunos formados em oficinas, Fernando Sampaio acredita que o troféu mais importante pelo seu ofício seja abrir sorrisos em adultos e crianças. Respeitável público, neste *Encontros*, o artista compartilha recordações, fala sobre formação e ensino, diversidade, desafios e peripécias.

ANTES DO RISO

Quando eu tinha 17 anos, e fazia cursinho, no teste de aptidão vocacional deu: desinteresse generalizado. É que sempre fui uma pessoa muito distante do ensino formal. Quando fui prestar vestibular, entrei, por acaso, no curso de administração de empresas. Tinha um emprego num banco, onde trabalhava como *office boy*, até que, em 1985, vi *Ubu*, *Folias Physicas*, *Pataphysicas* e *Musicaes* [do grupo *Teatro do Ornitorrinco*], um espetáculo no qual o circo era muito forte. Minha história começa aí. A minha primeira impressão era de que o teatro devia ser uma coisa prazerosa. Fui buscar uma escola e encontrei a Recriarte, na Vila Madalena. Fazia o curso de teatro aos sábados por causa do meu emprego. Tinha uma feira em frente à escola e o dono da escola pediu para os alunos saíssem por ela para fazer uma divulgação. Sobrou para mim o figurino de palhaço. Então, minha primeira saída como palhaço também foi por acaso. Na época, me lembro de uma sensação muito boa. Até hoje, passados 35 anos, me sinto bem como palhaço.

NOVOS RUMOS

Na época em que fazia o curso de teatro, vi um folheto com o anúncio de uma oficina no Sesc Pompeia. Era de introdução ao clown ou ao palhaço, algo assim, com a Val de Carvalho e o Edson Di Mello, em 1986 ou 1987. Depois da oficina, a Val me falou: “Acho que o circo pode ser uma coisa boa para você. Vá ao Circo Escola Picadeiro e procure o Seu Rogê [Roger Avanzi, conhecido como *Palhaço Picolino*, 1922-2018]”. Mas para mim era muito difícil, porque em 1987 eu já havia me formado e era analista de

assuntos fiscais. Mesmo assim, ficava de olho no Circo Escola e fazia curso de teatro aos sábados. Até que o teatro começou a me interessar muito e resolvi sair do emprego fixo, de segunda a sexta. Inventei uma história e fui trabalhar com meu pai, que era corretor de imóveis. Ele era autônomo e sabia que tinha horários flexíveis. Daí, eu pensei que essa seria uma boa saída para me manter num emprego estável e ter horas vagas para escapar. No escritório, dizia que ia ver um imóvel e escapava para a escola de circo, onde conheci o palhaço Picolino e fiquei doido. Quando conheci a figura do Rogê, foi uma identificação e admiração muito grande pelos palhaços e por todos os artistas de circo. Foi na escola de circo que conheci o Duma [o ator *Domingos Montagner*], meu parceiro. Até que num determinado momento, não dava mais para fazer qualquer outra coisa que não fosse me dedicar totalmente ao circo. Foi uma briga em casa, mas eu entrei de cabeça.

CHAPÉU NA MÃO

Eu já tinha um trailer, que estacionei no Circo Escola, onde fiquei morando um tempo. Com Domingos, comecei a fazer apresentações na rua muito rápido, acho que já em 1989. Íamos para parques da cidade de São Paulo passando o chapéu. Depois, acho que meus primeiros trabalhos no Sesc São Paulo começaram em 1990, no Sesc Bertogã. Na época, eu trabalhava com a Banda Palhaçal e com outro grupo chamado Circo e Companhia. Além disso, a dupla com o Domingos foi crescendo. Ele era da Pia Fraus e eu montei uma companhia, a Nau de Ícaros, onde fiquei até 1995. Mas ainda éramos Domingos e eu, a dupla, porque a

gente sempre escapava para se apresentar juntos em parques. Até que, em 1997, a gente montou o primeiro espetáculo: *La Mínima Cia. de Ballet*. Eu trabalhava eventualmente com a Pia Fraus, com a qual participei de uma produção no Sesc Consolação em 1999, o espetáculo *Navegadores*. Em 2000, Domingos saiu da Pia Fraus e, a partir de 2001, a gente passou a focar toda nossa agenda no grupo La Mínima. Em 2001, montamos *À La Carte*, primeiro espetáculo de sala de teatro. E, assim, nestes 22 anos do La Mínima, montamos 16 espetáculos. Estamos continuamente em processo de montagem.

NASCE O CIRCO

Paralelamente ao La Mínima, Domingos e eu montamos o Circo Zanni em 2004, fruto de um momento especial do circo em São Paulo. Acho que em 2001 ou 2002, houve um movimento para que tivéssemos um galpão em comum que foi a Central do Circo. Uma grande parte da classe se juntou, fazíamos uma vaquinha e alugávamos um galpão em Cotia. Então, a gente tinha essa associação que se transferiu para São Paulo em 2002, depois que ganhamos do município um projeto de fomento ao teatro. Alugamos um galpão incrível que foi um marco na cidade para a classe. Dentro dessa associação, convivendo, a gente juntou uma turma de amigos e resolveu fazer uma experiência: alugar uma lona e levá-la ao município de Boiçucanga para que tivéssemos essa experiência de circo. Em janeiro de 2004, alugamos uma lona pequena e começa aí, de uma experiência na praia, o Circo Zanni. O resultado foi incrível. O circo lotava e a gente acreditou na nossa junção. Tanto que estamos juntos, grande parte desse grupo, há 16 anos. O Circo Zanni é uma paixão especial. Também levo o La Mínima até hoje. Nesse momento, estamos montando um espetáculo, interrompemos por causa do coronavírus, mas fizemos ensaios por *Zoom*, pesquisas pela internet. De alguma maneira nos encontrando virtualmente, nos mantivemos na ativa, e, quando foi possível, presencialmente, de máscara. O circo é transformador. Tenho 55 anos e quero daqui para os meus 80 anos ser palhaço de circo.

ENSINO E FORMAÇÃO

Entre as coisas que são muito importantes no circo e que percebi no meu aprendizado é que os grandes palhaços são artistas completos. O próprio Grock [*palhaço suíço, 1880-1959*] era um músico espetacular e um ator extraordinário. Na tradição do circo, exigia-se que os artistas estudassem música, dança, acrobacia, teatro, magia cômica e que soubessem lidar com bichos até onde essa prática foi permitida [*no Brasil, 11 estados proibem a presença de animais em números de circo desde 2018*]. Na Europa, escolas de circo da Bélgica e da França, por exemplo, existem desde os anos 1940 e 1950; na Rússia e na China essas escolas surgiram bem antes. E, nessas escolas europeias, além de se especializar numa técnica circense, você se forma após tocar um instrumento e ter feito uma peça de teatro. São escolas muito

exigentes. Aprendi que palhaço bom é um palhaço com muitas virtudes – e as grandes escolas não só formam o artista de circo, mas grandes artistas. Sempre falo que não gosto muito de trabalhar como professor. Gosto muito mais de exercer a função de ensaiador, porque não aprendi a dar aulas de circo, minha experiência foi na prática. Você só vai aprender um número de trapézio depois de muitos calos na mão, e, se for no tecido, depois de muitos exercícios de fortalecimento. Como na música: ninguém se torna muito bom se não dedicar muitas horas à prática de um instrumento.

PARA TODOS

O ponto de partida para atender a curadoria do Festival Internacional de Circo de São Paulo (FIC) [*realizado em dezembro passado*] é a diversidade. Acho que ninguém hoje em dia pode fazer um festival ou evento sem cuidar dessa questão. Outra coisa: das poucas oficinas de palhaçaria e comicidade física que realizo, posso dizer que, de 15 anos para cá, o número de inscrições de mulheres é sempre maior em relação ao de homens. Então, o mercado de palhaças, palhaços e *palhaces* em São Paulo é bem dividido. Hoje o preconceito contra a palhaça me parece superado. As mulheres são maioria no mercado de circo e nas escolas de circo.

PRÓXIMO ATO

Chama a atenção o fato de grupos como o La Mínima, Os Parlapatões, Le Plat Du Jour e Pia Fraus, por exemplo, mesmo com 30 anos de história, serem dependentes de editais públicos ou de contratações. Mesmo sendo grupos independentes, há certa independência que ainda não alcançamos: a independência de viver da bilheteria. Isso é uma questão que chamaria, por parte das companhias de circo, mal resolvida. Quando começamos, em 1991, eu já ia para parques, e a gente viveu durante um bom momento de passar o chapéu, depois, saímos um pouco da rua para o segmento do teatro e das contratações e isso de alguma maneira nos deu uma dependência. Não temos, infelizmente, uma autonomia de viver da venda de ingresso. E ainda não sei como podemos resolver essa questão. ■



APRENDI QUE PALHAÇO
BOM É UM PALHAÇO
COM MUITAS VIRTUDES –
E AS GRANDES ESCOLAS
NÃO SÓ FORMAM O
ARTISTA DE CIRCO, MAS
GRANDES ARTISTAS

Fernando Sampaio e
Domingos Montagner
no espetáculo
*La Mínima Cia. de
Ballet*, de 1997

Ópera prima

COMPOSITOR NARRA OS DESENCONTROS DE SEU ÁLBUM DE ESTREIA E
RELEMBRA O PRIMEIRO ENCONTRO COM A OBRA DE JOÃO GILBERTO

Chico Buarque foi responsável por um dos grandes momentos da série *Muito Prazer, Meu Primeiro Disco*, do Sesc Pinheiros. O programa foi idealizado pelo jornalista e escritor Lucas Nobile numa curadoria em conjunto com o crítico musical e musicólogo Zuza Homem de Mello (1933-2020), que conduziu as entrevistas junto à jornalista Adriana Couto até a segunda edição. O tema central é o disco – *Chico Buarque de Hollanda* – lançado em 1966, estreia do jovem que enveredava pela profissão de arquiteto e ainda não sabia se a carreira musical seria uma experimentação casual ou um fato. Cinquenta e quatro anos depois e uma trajetória desdobrada em palavra e canção, Chico é figura de proa da qual a música popular não se alheia. Por falar em primeiro disco, o compositor carioca também dimensiona o impacto do primeiro encontro com o violão de João Gilberto. “Comecei a pensar em fazer música com um instrumento, com o violão, a partir daí, e imitando o João Gilberto”, compartilhou.

VIROU MEME

Eu não posso culpar a gravadora simplesmente porque a culpa também foi minha. Houve um certo desencontro por vários motivos. Primeiro, eu era um artista novo. Não me sentia em condições de impor a minha vontade. Na verdade, sentia-me como um estudante de arquitetura gravando um disco do qual não sealaria 50 anos depois. O desencontro entre o meu pensamento e o da gravadora começa pela própria capa. A ideia, em primeiro lugar. O meu nome artístico era Chico Buarque, e o “de Hollanda” entrou aí por sugestão da gravadora. Lembro bem das fotos da capa. Eu estava num estúdio fotográfico com uma postura de compositor sério e eles [a gravadora] achavam que eu ficava mais bonito sorrindo. Então, tiramos várias fotos e eles fizeram a vontade deles e a minha [a arte da capa dividida com uma foto séria e outra na qual o cantor aparece sorrindo], com essa capa absurda que virou meme.

ÓPERA PRIMA

Os arranjos eram feitos em São Paulo e eu morava no Rio. Não dediquei o tempo e o capricho necessários à gravação desse disco. Eu era um estudante que tinha acabado de se mudar para o Rio, estava recém-casado etc. e tal. Nesse processo, viajava até São Paulo para gravar um programa da Record, passava no estúdio e colocava a voz no arranjo que já estava feito para o disco. Não tive, realmente, muito contato. O arranjo é de Chiquinho de Moraes, com quem fiz vários trabalhos. O resultado foi motivado pela pressa, talvez da gravadora, e uma certa displicência minha, o que não significa que a gravadora estivesse com má vontade ou isso ou aquilo. Ela quis fazer uma coisa e eu não soube me impor, reagir,

não soube fazer um disco que eu não tinha muita ideia do que seria. Naquele tempo, você gravava um compacto que resultava no LP, mas não tinha uma unidade ou um conceito. No meu caso, pelo menos, não me lembro disso. Não havia uma ideia: “Vou fazer um LP”. Essa é minha obra-prima. Ópera *primera* literalmente. Quando se fala ópera prima, geralmente é em sentido depreciativo, como se dissesse: “Não, essa é uma ópera prima, é um escrito de juventude que será amadurecido mais tarde”. Para mim, é no sentido de ser a primeira obra, um disco ainda provisório, que talvez dê uma ideia do que eu faria depois, mas longe de ser um disco que eu goste. É um disco que não costumo escutar.

NAS CORDAS DE JOÃO

A experiência da primeira audição de João Gilberto é comum à minha geração de compositores. A primeira vez em que o ouvi foi no rádio, citados nos créditos João Gilberto, Tom Jobim e Vinicius de Moraes. Vinicius era amigo de meu pai. E me lembro de pedir um dinheirinho aos meus pais para comprar o compacto do Vinicius de Moraes, que era novidade. Eu já conhecia o nome de Tom Jobim por causa do disco *Canção do Amor Demais* (1958) com Elizeth Cardoso cantando músicas de Tom e Vinicius. Há duas faixas em que o João Gilberto aparecia como violonista. A bossa nova apareceu com *Chega de Saudade* e a gravação do João, que mudou tudo. Então a primeira vez que o ouvi, bateu em mim. Tinha 14 anos e bateu em cheio! Eu era apaixonado por samba, Noel Rosa e Dorival Caymmi, ouvia muito rádio. Esse momento me levou a pegar no violão. Comecei a pensar em fazer música com um instrumento, com o violão, a partir daí, e imitando o João Gilberto. ■

NA VERDADE,
SENTIA-ME COMO
UM ESTUDANTE
DE ARQUITETURA
GRAVANDO UM
DISCO DO QUAL
NÃO SE FALARIA
50 ANOS DEPOIS





NOS TEUS OLHOS TODAS AS FASES DA LUA

para a Leticia Ferro

I

o planeta vermelho que de perto
é um balão voando
na altura dos meus cílios
postiços
em atrito dá efeito
de borboleta na balada
já cansada

torres transparentes de tequila
torres vermelhas de vinho tinto
e lá no fundo você
extraíndo da moldura a carne pura

na manhã seguinte
o olhar fechado
o corpo em ressaca
a memória uma torre de vidro
neste mar de valsas-ondas

II

a maçã e sua anorexia à mostra
estranho exemplo
a boca preenchida de carne
os olhos gotejam no balde
a liberdade melancólica da lua
sempre só
num silêncio-móvil
que Patti Smith canta:
você seria uma asa no céu azul
em sua escuridão
(finally we are no one)

– pergunto-me se isso não seria o fim do horizonte
o espaço me entrega as maçãs mais vermelhas

saturnos

giram

e giram

it was beautiful
it was beautiful



ACROBACIAS

I

no topo da árvore
respiram
longas notas musicais

II

o verão nos encontra
na cicatriz do peito
abraçamos os ossos
onde perplexos
pecamos

III

uma anêmona
adentra a noite

IV

o tempo
corta a palavra
templo

V

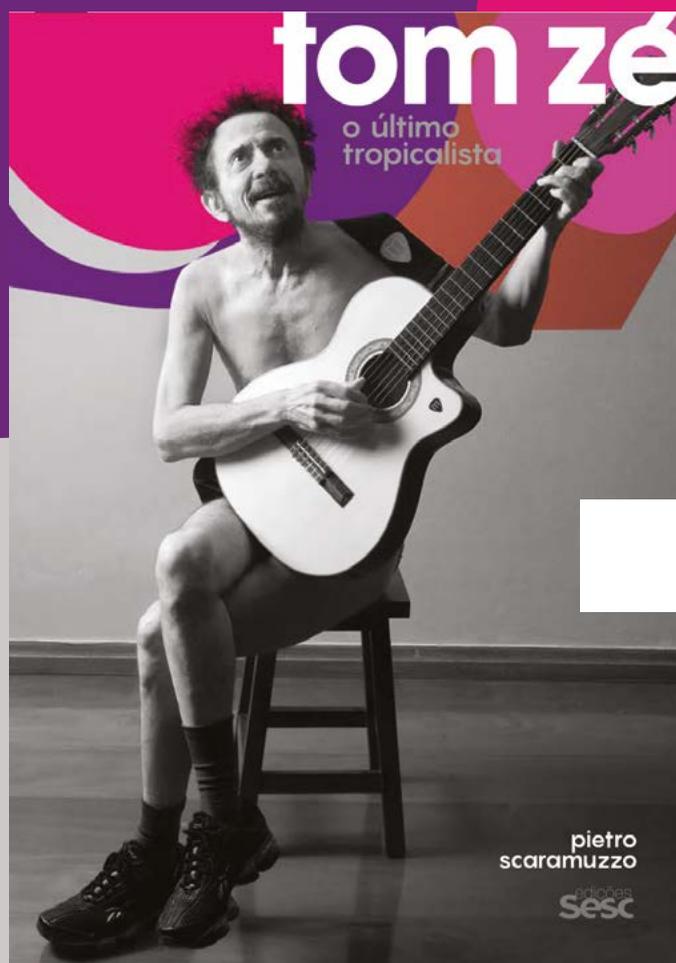
agonizam iradas
entrelaçadas
as montanhas

VI

uma anedota
para passar o tempo
enfim,
um desatino

NATÁLIA AGRA é poeta e editora. Publicou os livros de poesia *De Repente a Chuva* (Corsário-Satã, 2017), *fotogramas [o silêncio possível]* (7Letras, 2019) e *Noite de São João* (Corsário-Satã, 2020). Em 2019, publicou seu primeiro livro infantil, *Os Balões de Nise*, na coleção Coco de Roda, da Imprensa Oficial Graciliano Ramos. Ela edita, ao lado de Fabiano Calixto, Rodrigo Lobo Damasceno e Tiago Pinheiro, a revista de poesia *Meteoro*. É uma das organizadoras da *Desvairada – Feira de Poesia de São Paulo*, que acontece anualmente na capital paulista.

lançamento



TOM ZÉ **o último tropicalista**

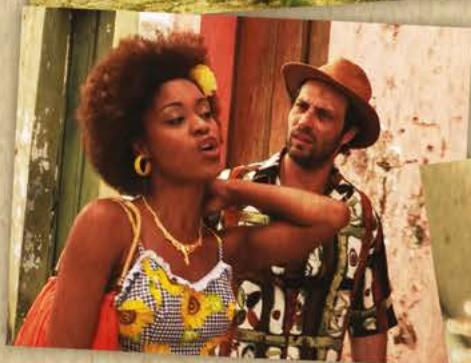
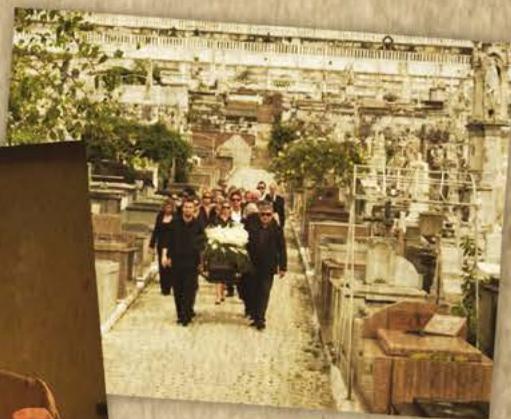
Pietro Scaramuzzo

O crítico italiano Pietro Scaramuzzo entrevistou o núcleo tropicalista e inúmeros artistas que participaram da trajetória de 84 anos de vida de Tom Zé para escrever sua primeira biografia oficial. O volume conta com prefácio de David Byrne e apresentação do próprio Tom.

Os Imortais

GRANDES NOMES DA LITERATURA BRASILEIRA EM ADAPTAÇÕES CINEMATOGRÁFICAS.

ESTREIA DIA 23 DE JANEIRO, 22 HORAS, NO SESCTV.



MACHADO DE ASSIS • ÉRICO VERÍSSIMO • CARLOS HEITOR CONY
ALUÍSIO AZEVEDO • JORGE AMADO • JOÃO DO RIO • MONTEIRO LOBATO

Assista também sob demanda em sesctv.org.br

SescTV



Central de Atendimento do Sesc Av. Paulista

OS EMPREGADOS COM REGISTRO EM CARTEIRA PROFISSIONAL, OS ESTAGIÁRIOS, OS TEMPORÁRIOS, OS DESEMPREGADOS HÁ ATÉ 24 MESES E AS PESSOAS QUE SE APOSENTARAM ENQUANTO TRABALHAVAM EM EMPRESAS DO RAMO DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO PODEM CREDENCIAR-SE NO SESC.

CRENCIAL PLENA

- titular**
trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional atualizada e assinada que comprove o vínculo empregatício e foto 3x4*.
estagiários do comércio de bens, serviços e turismo - termo de compromisso ou carteira de trabalho em que conste o número do CNPJ da empresa, documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
temporários do comércio de bens, serviços e turismo - contrato de trabalho ou holerite, carteira profissional atualizada, documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
desempregados do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional com o último registro comprovando estar desempregado há até 24 meses e foto 3x4*.
aposentados do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional que comprove aposentadoria quando trabalhava em empresa do comércio de bens, serviços e turismo, além de comprovante do órgão de Previdência Social contendo essas informações e foto 3x4*.
titular falecido - o dependente cujo trabalhador, estagiário, temporário ou aposentado do comércio de bens, serviços e turismo é falecido, poderá requerer sua Credencial Plena. Além dos documentos citados na lista de titular e dependentes, deverão apresentar também a certidão de óbito.



- dependentes**
cônjuge - documento de identidade, CPF, certidão de casamento, ou de nascimento de filhos em comum, ou, ainda, declaração de união estável e foto 3x4*. *Para os casos de união estável, a certidão deve mencionar os nomes do casal, os números dos documentos de identidade e assinatura de ambos.*
filhos, enteados, netos e tutelados (até 21 anos) - certidão de nascimento ou documento de identidade, CPF e foto 3x4*. *Para os netos, além desses documentos, apresentar também documento que comprove o parentesco com o titular. E para os tutelados, comprovante de tutela.*
filhos, enteados e netos (entre 22 e 24 anos) - documento de identidade, CPF, foto 3x4* e comprovante de matrícula ou pagamento recente de mensalidade em ensino superior, profissionalizante, pós-graduação (lato sensu, stricto sensu ou residência médica), preparatório para o ensino superior ou educação de jovens e adultos (EJA).
pais e padrastos - documento de identidade, CPF e foto 3x4*. *Para os padrastos e madrastas, é necessário apresentar documento que comprove união com o pai ou mãe do titular.*
avós - documento de identidade, CPF, documento que comprove o parentesco com o titular e foto 3x4*.

A INSCRIÇÃO É GRATUITA, VÁLIDA POR ATÉ 2 ANOS EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL E PODERÁ SER FEITA PELO TITULAR OU DEPENDENTES MAIORES DE 18 ANOS EM QUALQUER UNIDADE DO SESC.

CRENCIAL ATIVIDADES

A emissão da Credencial Atividades é gratuita, individual e permite o acesso às atividades, desde que haja disponibilidade de vagas, sem estabelecer vínculos associativos. Menores de 18 anos devem estar acompanhados dos pais ou responsáveis legais.

- Documento de identidade, CPF e foto 3x4*.

***A foto poderá ser tirada gratuitamente no ato do credenciamento. Em caso de perda ou extravio da credencial será cobrada uma taxa de R\$ 20 para a emissão da segunda via.**

ATENÇÃO

Estamos retomando de maneira gradual os serviços presenciais no Sesc. Para fazer a Credencial Plena, incluir dependentes ou renovar a sua Credencial vencida*, é necessário agendar horário para atendimento na Central de Atendimento.

*As Credenciais Plenas com data de validade entre 2/2020 e 2/2021 tiveram a validade prorrogada até 31/03/2021. Não é necessário o comparecimento nas Centrais de Atendimento.

Baixe o aplicativo Credencial Sesc SP e utilize a Credencial digital. Acesse www.sescsp.org.br/credencialplena e saiba mais! As demais informações sobre documentação estão atualizadas.



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo
 Av. Álvaro Ramos, 991 - Belenzinho

CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO

Presidente: Abram Abe Szajman.
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda

Efetivos:

Aguiinaldo Rodrigues da Silva, Benedito Toso de Arruda, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva e Valterli Martinez.

Suplentes:

Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Amilton Saraiva da Costa, Antonio Cozzi Júnior, Costabile Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vitor Fernandes e William Pedro Luz.

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Efetivos:

Abram Abe Szajman, Ivo Dall'Acqua Júnior e Rubens Torres Medrano.

Suplentes:

Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Francisco Wagner de La Torre e Vicente Amato Sobrinho.

CONSELHO DE REDAÇÃO E PROGRAMAÇÃO

Diretor: Danilo Santos de Miranda

Adenor Domiense, Aira Fuentes Tacca, Aline Ribenboim, Ana Cristina de Souza, Ana Paula Cardoso, Ana Paula Fraay, Andrea Rodrigues, Ari Miaciro, Barbara Gabriela Santos, Beatriz Gomes, Camila Curaçá, Camila Santos Medeiros, Carolina Barbosa de Melo, Claudia Cassia de Campos, Dalmir Ribeiro Lima, Daniel Tonus, Danilo Cava, Denise Marcon, Diego de Paula Lemos, Edmar Junior, Eduardo Santana Freitas, Eloá de Paula Cipriano, Erica Georgino, Estevão Denis, Fabia Lopez dos Santos, Fabiana de Freitas, Fabrício Floro, Gabriela Amorim, Geraldo Cruz, Giuliano Magalhães, Ieda de Resende, Jade Stella Martins, José Junior, José Maurício, Julio Cesar Junior, Juranir Maria de Oliveira, Leonardo Soares, Lidiane de Jesus, Ligia Azevedo Capuano, Lilian Camilo, Luciano Ranieri, Lucio Erico Cunha, Luiz Eduardo Benini, Mariana Barbosa Ruocco, Marina Reis, Marina Tomaz Zan, Michael Aniellewicz, Miguel dos Santos, Mildred Gonzalez, Nathalia Magalhães, Octavio Weber Neto, Paulo Dias, Pier Patrick La Rosa, Poliana Queiróz, Priscila Sayuri Fukuda, Pyter Santos, Rachel Leão Rocha, Rejane Pereira da Silva, Renata Barros da Silva, Renato Perez de Castro, Ronaldo Domingues, Silviana Almeida Santos, Solange Alborede, Tamara Demuner, Thais Kruse, Thais Ferreira Rodrigues, Valéria Taveiros e Vanessa Carvalho

REVISTA E

Coordenação Geral: Ivan Paulo Giannini

- Diretor Responsável:** Miguel de Almeida. • **Diretor de Arte:** Werner Schulz
- **Edição de Textos (Revista E):** Ana Paula Cardoso e Maria Julia Lledo
- **Edição de Fotografia:** Adriana Vichi • **Repórteres:** Márcia Scapatício e Maria Julia Lledo
- **Revisão:** Luciana Batista de Azevedo • **Coordenação Executiva:** Marcos Ribeiro de Carvalho e Fernando Fialho • **Coordenação Editorial Revista E:** Adriana Reis e Marina Pereira
- **Coordenação Editorial Em Cartaz:** Aline Ribenboim
- **Propaganda:** Daniel Tonus, José Gonçalves Júnior e Renato Perez de Castro
- **Arte de Anúncios (Revista E e Em Cartaz):** Nilton Bergamini e José Gonçalves Júnior
- **Supervisão Gráfica:** Hélcio Magalhães • **Finalização:** Lourdes Teixeira e Werner Schulz
- **Criação Digital Revista E:** Ana Paula Fraay • **Circulação e Distribuição:** Jair Moreira

Jornalista Responsável: Miguel de Almeida MTB 14122. A **Revista E** é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social e realizada pela **Lazuli Editora**. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Esta publicação está disponível no site: sescsp.org.br

De férias EM CASA

Brincar é uma das principais linguagens das crianças. Por meio dessa ação, elas exploram novos mundos, aprendem, desenvolvem habilidades, se relacionam umas com as outras e com adultos. Nas férias, então, a brincadeira corre solta. Como a possibilidade de frequentar parques, praças, cinemas e outros espaços ainda é restrita pela pandemia, que tal adaptar sua casa para a diversão? Para dar um empurrãozinho (e muitas ideias), pais, cuidadores e familiares podem acessar diversas opções na internet. Vídeos ensinam a construir cidades, assim como plataformas digitais exibem episódios de contação de histórias, apresentações de circo e sessões de cinema. Confira algumas dicas:

Orquestra Modesta,
na programação
do Crianças
#EmCasaComSesc



CRIANÇAS #EMCASACOMSESC

No canal do YouTube do Sesc São Paulo, a programação do *Crianças #EmCasaComSesc* tem horário marcado. Todo sábado, ao meio-dia, é hora de dar *play* na brincadeira e na imaginação. Além de apresentações de circo, música e teatro, tem contação de histórias e outras atividades criativas para crianças de diferentes faixas etárias. Grupos e artistas apresentam-se em casa ou nas unidades do Sesc sem plateia, seguindo todos os protocolos de segurança. Todos os vídeos estão disponíveis no canal para assistir quando quiser.



Barbatuques | Foto: Tatli Wexler



Reprodução

MONTAR E DESMONTAR

Realizada pelo Itaú Cultural, a oficina *Aventuras e Construções* – terceira temporada da série *Expedição Brasileira* – convida crianças e adultos a imaginar e criar casas e cidades. Desenvolvida a partir da coleção *Brasileira Itaú*, a oficina conduzida por educadores da instituição propõe brincadeiras dentro da temática da arquitetura e da construção. Ao todo são cinco atividades: Faça uma casa de brinquedo; Crie e decore fachadas; Construa uma cidade; Explore paisagens; e Construa um lugar imaginário. Saiba mais: <https://www.itaucultural.org.br/secoes/infantil>.



Reprodução

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

O podcast *Contos do Balé*, realizado pela São Paulo Companhia de Dança, aproxima as crianças, de maneira lúdica, de grandes clássicos da literatura adaptados para o universo da dança. Entre eles, *O Lago dos Cisnes*, *A Flauta Mágica*, *Dom Quixote* e *A Bela Adormecida*. Inspirado pelo livro *Contos do Balé* (Editora Sesi-SP), o programa tem direção artística e roteiro de Inês Bogéa, que compartilha a narração com Luca Baldovino. Cada podcast tem, aproximadamente, 15 minutos de duração e está disponível no [canal do YouTube da São Paulo Companhia de Dança](#).

CINECLUBINHO

Hora de descansar um pouco da brincadeira? Que tal uma sessão de cinema na sala, no quarto ou no quintal com direito a pipoca? O Cineclubinho, realizado pelo CineSesc, têm um espaço exclusivo na plataforma do Sesc Digital. Na programação, filmes brasileiros, estrangeiros, animações, curtas e longas-metragens escolhidos pela diversidade de narrativas para que crianças e toda a família possam curtir o melhor do cinema infantil e infanto-juvenil em casa. Lembrando que toda quinta-feira estreia um filme novo. Verifique as datas e se programe: sesc.digital/colecao/54856/cineclubinho.



Um Gato em Paris | Divulgação

Aferro pela vida

Venho de um lugar habitado por pessoas que dividiam, dentre outras coisas, o próprio espaço de vida. Falo de uma vila da zona leste de São Paulo, de convívios incendiários, mas também amorosos, de ajuda mútua e tratos singulares. Nesse perímetro, os vizinhos zelavam pelos filhos, uns dos outros. Minha mãe cuidou e educou parcialmente muitas outras crianças, fora as onze que circulavam no mesmo quintal. Herança da minha avó, que dava pouso a viajantes desconhecidos e abrigava crianças sem que a burocracia impedisse. Logo compreendi que a partilha com meus semelhantes era uma forma essencial na manutenção de nossas vidas, um aprendizado pela convivência, para sobreviver às dificuldades de toda ordem.

Numa analogia ao universo botânico, as plantas “companheiras” colaboram para um beneficiamento recíproco, pois, agregadas, produzem condições favoráveis para o desenvolvimento do grupo, salvando as mais miúdas ou com maior demanda de rega. Nesse momento pandêmico pude reviver também o contraponto disso, algumas plantas, na aridez de sua solidão, sucumbiram, outras, não se fortaleceram, mas sobreviveram, assim como as pessoas, diante do ameaçador coronavírus.

No início de 2001 chego ao Sesc Pompeia para realizar oficinas voltadas para o desenvolvimento artístico, inseridas no projeto Sesc Verão. Já conhecia bem a casa por frequentá-la e por ter trabalhado nos educativos de exposições nessa mesma unidade, bem como em outras da capital. Destaco, nesse flerte com a instituição, a oficina *Imagem e Poesia*. Com formato de um sarau experimental, das leituras saltavam as palavras, sendo elas o ponto de partida para a construção de imagens. A livre participação e gratuidade, fatores que atraíam um público volumoso e diversificado, complementavam meus estudos e práticas em arte-educação.

Ressalto a presença de um menino de 8 anos, Bento, que chegou sozinho, de forma reservada e com algum desconforto. Buscava ali alguém que pudesse ajudá-lo na escrita de cartas, sendo a destinatária sua irmã, interna na Febem, atual Fundação Casa. Não se adentra uma história dessa subitamente, é preciso engendrar confiança. Em idade escolar, não era alfabetizado, tragédia presente de forma sistêmica num modelo político-social que segrega e hostiliza a população vulnerável. Com seus direitos furtados, sem a devida proteção amparada por lei, Bento suplicou pelo envio das cartas. Comecei a escrevê-las, ditadas por ele, e comumente desenhava-se a mesma despedida: *não chore, você vai sair logo daí, tô te esperando, não demore*.

Como sentença tatuada no corpo, sua expressão escancarava experiências indecifráveis. Tinha na irmã a referência de amparo, era sua base fortalecedora para continuar (re)existindo. E como as palavras nascem, em sua maioria, num nicho de sentido originário e fecundas de significados, a vida de uma criança deveria ser cravada de sinônimos do verbo cuidar. Bento desapareceu, sem deixar vestígios.

As memórias constituem parcela sensível de nosso patrimônio, venho da continuidade dessa e de tantas outras histórias. Assim, vinte anos depois de ter cruzado a vida de Bento, tempo esse que completo de Sesc, nesse 2021, me volto, uma vez mais, ao Sesc Verão, que nessa edição cumpre um papel essencial com o tema: *Cuidar faz bem*.

Se Bento não tinha o verbo cuidar conjugado em sua trajetória, no Sesc, seus sinônimos potencializam, de forma transversal, as ações socioculturais e educativas, com as profusas dimensões que ensinam a palavra cuidado. ■

TERÊ GOUVÊA é licenciada em Artes Visuais, mestra em Artes pelo Instituto de Artes da Unicamp. É assistente técnica da Gerência de Estudos e Desenvolvimento do Sesc.

QUE TAL EXPLORAR ALGO NOVO HOJE?

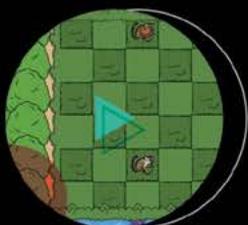
← →

**Confira alguns dos destaques
na plataforma Sesc Digital**



OBLÒ Contos e Encontros, Histórias Italianas com Sotaque Brasileiro

Uma parceria do Sesc SP e o Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro (ICIB), esta série online inédita mergulha em diversos aspectos da cultura italiana por meio de artistas e personalidades do país europeu. O programa de estreia destaca Lina Bo Bardi, a partir de um passeio pela sua Casa de Vidro.



Lugar de Jogo: videogame popular

Games disponibilizados para download gratuito apresentam diferentes estratégias de jogo, narrativas e design criados por coletivos, estúdios e artistas de diversas regiões brasileiras. Em Guardiões da Amazônia, por exemplo, o jogador defende a floresta das investidas de caçadores, agroquímicos e incendiários. Curadoria: Sesc São Paulo e Tainá Felix e Jaderson Souza, da Game Arte.



Claudio Santoro: Obra Completa para Violino & Piano

Disponível para audição, o álbum duplo do Selo Sesc conta com a participação do duo formado por Emmanuele Baldini, violinista italiano radicado no Brasil, e Alessandro Santoro, pianista e filho de Claudio Santoro. O compêndio engloba cinco sonatas completas para violino e piano, abrangendo duas fases importantes de sua criação: o dodecafonismo dos anos 40 e o nacionalismo dos anos 50. Além disso, traz o primeiro registro de obras inéditas.



CPT_Sesc - Aproximações Pedagógicas: A Formação do Ator

Série com oito podcasts que apresenta alguns dos principais centros de formação teatral da região de São Paulo, partindo da fundação, em 1948, da pioneira Escola de Artes Dramáticas (EAD), até adentrar o século 21, com a criação da SP Escola de Teatro, em 2010. Nesse percurso cronológico, são observadas as transformações do país, do teatro brasileiro e do ensino ao longo dessas décadas.

Sesc
digital

ACESSE

sescsp.org.br/sescdigital

